ESCOLHA O SEU FIM

JANTAR SINISTRO



RECORD

FREIDA McFADDEN

Autora best-seller do *New York Times*

FREIDA McFADDEN

JANTAR SINISTRO

Tradução de
Carolina Simmer

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2026

Obras da autora publicadas pela Editora Record

Ala D
O acidente
A contadora
Jantar sinistro
A inquilina
A intrusa
O namorado
Nunca minta
A professora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M144j McFadden, Freida, 1980-

Jantar sinistro / Freida McFadden; tradução Carolina Simmer. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2026.

Tradução de: The dinner party

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-92721-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina. II. Título.

26-105472.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Título original:
The Dinner Party

Copyright © 2026 by Freida McFadden

Diagramação: Abreu's System

eBook: Flex Estúdio

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN xxx

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

SUMÁRIO

AVISO!!!!
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
CAPÍTULO 56
CAPÍTULO 57
EPÍLOGO
CAPÍTULO 58
CAPÍTULO 59
CAPÍTULO 60
CAPÍTULO 61
CAPÍTULO 62
CAPÍTULO 63
CAPÍTULO 64
CAPÍTULO 65
CAPÍTULO 66
CAPÍTULO 67
CAPÍTULO 68
CAPÍTULO 69
CAPÍTULO 70

CAPÍTULO 71
CAPÍTULO 72
CAPÍTULO 73

AVISO!!!!
NÃO LEIA ESTE LIVRO DO COMEÇO AO FIM!

Sim, eu sei que a maneira normal de ler um livro é do começo ao fim. Mas, nesse caso, vou pedir a você que faça algo um pouquinho diferente.

Você está prestes a embarcar em uma aventura guiada por suas próprias escolhas. Você vai começar pela primeira página (até aí, tudo normal), mas, ao fim de cada capítulo, será necessário tomar uma decisão. Se você escolher um caminho, a história irá se desenrolar de um jeito; se escolher outro, ela tomará um rumo completamente diferente.

Em outras palavras, *você* escolhe seu fim.

Para os leitores que costumam se frustrar com personagens que tomam decisões idiotas, esse livro é perfeito para vocês! Aqui, quem decide os próximos passos é VOCÊ. A escolha está inteiramente nas suas mãos!

E, caso você morra ou acabe caindo em uma aventura chatérrima, poderá recomeçar. Este livro tem vinte e dois finais diferentes para a história. Você pode (e deve!) experimentar cada um deles, ou pode chegar a um só e parar, embora, francamente, essa seja uma escolha bem esquisita.

Então, se estiver pronto para embarcar em uma aventura, aperte o cinto e siga para o primeiro capítulo. E lembre-se: todas as decisões estão nas suas mãos.

Vá para o Capítulo 1, se tiver coragem…

CAPÍTULO 1

Você está sem um tostão.

Também não estava nadando em dinheiro antes — trabalhar como garçonete é puxado e paga mal. Há anos que seu dinheiro só vinha dando para pagar as contas, mas, de uns tempos para cá, a situação piorou. No ano passado, você arrumou alguns probleminhas com a justiça e, apesar de ter conseguido evitar ser presa, agora está no vermelho e cheia de dívidas no cartão de crédito. Já faz duas semanas que deveria ter acertado o aluguel com sua colega de apartamento, que não faz o estilo legal e compreensiva que entenderia esse tipo de coisa.

E, para completar, você está solteira há um ano e sete meses, o que não tem nada a ver com seus problemas financeiros, mas é mais uma coisa meio bosta na sua vida. Além disso, sua colega de apartamento, Blair, *tem* um namorado, e os dois fazem bastante… *barulho*.

A boa notícia é que não dá para piorar.

São seis da tarde do sábado, e você está deitada na cama, mexendo no celular a procura de ideias na internet para ganhar uma grana extra, enquanto tenta ignorar os barulhos que vêm do quarto ao lado, onde Blair e o namorado estão fazendo sabe-se lá o quê. Parece que ele a está matando. (O que é bem improvável — você não teria tanta sorte.)

A internet não ajuda muito. Sugere que você trabalhe como Uber, mas você não tem carro. Também fala em ganhar comissão com anúncio de produtos, mas você quase não tem seguidores nas redes sociais.

Você acabou de clicar em um link para saber mais sobre um site promissor chamado OnlyFans quando, de repente, a porta do quarto é escancarada. É Blair, que não gosta de bater; mas, (in)felizmente, você nunca está fazendo nada que exija muita privacidade. Ela para sob o batente, usando a camiseta larga do namorado, o cabelo louro-dourado despenteado, o rosto corado.

— Arrá! — berra Blair, apontando um dos dedos com unhas bem-feitas para a pequena luminária na mesa de cabeceira. — Eu sabia! É por *isso* que a conta de luz sempre vem tão alta!

A minúscula luminária é a única fonte de luz no quarto inteiro. O que ela quer que você faça? Fique no breu total?

— É só uma luz, Blair — você argumenta.

Blair coloca as mãos na cintura.

— Mas você já tem a luz do celular. Por que precisa de *outra*?

Você não sabe o que responder, então fica calada, torcendo para que ela não mencione o atraso no aluguel.

— E outra — diz ela —, seu aluguel está duas semanas atrasado, Sloan.

Droga.

— Desculpa — você diz. — Já, já vou te pagar. Você sabe que tive uns problemas com a justiça.

— Eu sei, e é por isso que tenho tentado ser *compreensiva* — retruca Blair em um tom que não soa nem um pouco compreensivo. — Mas você já está abusando! Não dá para ficar morando aqui de graça, sabe? Alguns de nós ralam muito pelo nosso dinheiro.

Você sabe muito bem que são os pais de Blair que pagam o aluguel. Ela tem um trabalho fácil, é "embaixadora de marcas" — algo que não tem nada a ver com qualquer tipo de serviço diplomático —, mas não dá para saber se ela ganha mesmo algum dinheiro com isso. Tudo o que você sabe é que ela ganha um monte de produtos. E aí ela grava vídeos abrindo as caixas e fingindo estar empolgada com aquilo. O trabalho dela é basicamente esse.

— Desculpa — você diz. — Sei que atrasei um pouco o aluguel, mas vou receber um dinheiro e já te pago. — Você não tem dinheiro nenhum para receber. — De verdade. — É mentira. — Eu *juro* de pés juntos.

Blair encara você.

— É melhor mesmo, Sloan. Porque, se você não acertar o dinheiro do aluguel até amanhã, vai ter que sair daqui.

— Amanhã? — você guincha. — Está tão em cima…

— Tem outra pessoa interessada no quarto — diz ela. — Então, se você não tiver como me pagar, vou alugar o quarto para ela.

Entendeu?

Blair vive fazendo esse tipo de ameaça, e uma parte sua desconfia de que seja tudo da boca para fora. Afinal, ela não vai realmente expulsar você só por duas semanas de atraso no pagamento do aluguel. Além disso, quem ela pensa que é para falar assim com você?

Por outro lado, você nunca assinou um contrato de aluguel e, se perder esse quarto, não terá para onde ir. Talvez seja melhor agir com cautela.

Se quiser enfrentar Blair,
vá para o Capítulo 2

Se quiser garantir a Blair que vai conseguir pagar o aluguel,
vá para o Capítulo 4

CAPÍTULO 2

—Eu conheço meus direitos! — você rebate. — Você não pode simplesmente me expulsar sem aviso prévio!

Os olhos de Blair se arregalam. Você a conhece há anos e, nesse tempo todo, nunca a enfrentou. Agora que finalmente fez isso, talvez ela passe a te respeitar. Você já deveria ter tomado uma atitude há muito tempo!

Melhor ainda: Blair acendeu as luzes do quarto. Depois de tanta mesquinharia com eletricidade durante esse ano todo que você morou ali, ela finalmente deixou tudo às claras. Isso só confirma que enfrentá-la foi a decisão certa.

— Obrigada — você diz.

Só que Blair não está ouvindo. Ela vai direto até a janelinha perto da sua cama e a escancara. Você não entende por que, já que está bem frio lá fora e Blair vive dando chiliques sobre "desperdiçar o aquecimento". Mas então as intenções dela ficam óbvias porque Blair vai até uma de suas cômodas, pega um monte de roupas nos braços e arremessa tudo pela janela do segundo andar.

— Ei! — Você pula da cama para detê-la. — O que você está fazendo?

— Você não tem dinheiro para pagar o aluguel — diz ela, pegando outro punhado de calcinhas e sutiãs. — Então estou te ajudando a desocupar o quarto.

Você se coloca na frente da cômoda, impedindo-a de pegar mais roupas. É aí que o namorado de Blair, Griff, entra no quarto. Griff parece um jogador de futebol americano. O cômodo inteiro treme a cada passo dele.

— O que está rolando aqui? — rosna Griff.

— Estamos ajudando a Sloan a se mudar — explica Blair. — Griff, você pode acompanhar a Sloan até a porta?

Griff começa a avançar, com aqueles braços troncudos estendidos em sua direção. Cacete, se você não der no pé logo, esse cara vai acabar com você. Ele vai te quebrar como um graveto.

— Tá bom, tá bom — você grita, recuando. — Estou indo.

Não adianta resistir. Metade das suas coisas já está lá embaixo, na rua.

Vá para o Capítulo 3

CAPÍTULO 3

Quando você chega lá embaixo, encontra a maior parte dos seus pertences espalhada na calçada em frente ao prédio. Várias de suas roupas aterrissaram sobre a neve que ainda cobre a rua. Pelo menos Blair fez a gentileza de jogar sua mala também, então você começa a juntar tudo e enfiar dentro dela.

É então que você se dá conta de que um homem parou e pegou uma de suas pulseiras, que havia caído em uma rachadura na calçada. E, nossa, que *gato*. O cabelo dele é espesso e cor de bronze, seus olhos castanhos são intensos, e seu corpo parece ter sido esculpido por Michelangelo. Ele sorri, e isso, de alguma forma, faz com que fique ainda *mais* bonito. Ele estende a pulseira na sua direção.

— Isso é seu? — pergunta ele.

Você teve muito azar no último ano, isso é fato. Quase foi presa, está totalmente dura e, agora, não tem nem mais onde morar. Mas sente que o jogo está prestes a virar.

— Ah, é, sim — responde.

— Bem… — O sorriso do homem se alarga. — Agora é meu. Achado não é roubado! — Ele fecha a mão e enfia a pulseira no bolso enquanto você o encara, incrédula. — Minha namorada vai *adorar* essa pulseira — informa ele, todo satisfeito.

Ele dá meia-volta e vai embora, assobiando. Caramba. Pelo visto, encontrar o amor da sua vida numa calçada não é seu destino.

O lado bom de não ter um único tostão é que isso quer dizer que você não tem muito o que catar ali. Em meia hora, já guardou tudo. Depois você improvisa um abrigo com um lençol pendurado no beco ao lado do prédio. Esse é seu lar agora.

Enquanto você tenta se acomodar no chão, uma gata se aproxima, aninhando-se contra o seu corpo em busca de calor. Ela é linda, laranja e peluda, só um pouco suja. Quando você estende a mão para fazer carinho, sente que fez uma nova melhor amiga.

— Foi mal, Gatinha — você diz para ela. — Eu queria ter comida para te dar, mas não tenho nem para mim.

Ela surta, soltando um uivo ensurdecedor, como se entendesse o que você acabou de dizer. Então avança para cima de você, primeiro tentando morder sua perna e, quando você tenta afastá-la, parte direto para o seu pescoço. Uma pata agarra no seu cabelo, arrancando vários fios do seu rabo de cavalo.

— Que isso, Gatinha? — você berra. — Eu só queria fazer carinho!

Tentar argumentar com a gata parece não fazer diferença. Ela ataca sua perna de novo, e você precisa abandonar o abrigo. Para sua humilhação, por pouco não consegue fugir dela. Você se esconde atrás de umas latas de lixo até ela perder o interesse e ir embora.

Por que todas as suas interações com animais têm dado tão errado ultimamente?

Quando a gata finalmente some de vista, você volta para o abrigo e se deita para passar a noite. Mas dorme com um olho aberto, com medo de que ela volte.

Você estava errada. *Dava*, sim, para sua vida piorar.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 4

Você nunca enfrentou Blair antes, e sua intuição diz que não é uma boa ideia fazer isso agora. Então você assente com a cabeça, obedientemente.

— Pode ficar tranquila — diz. — Vou te pagar cada centavo do aluguel até amanhã.

Você vai ter que dar um jeito.

Blair lança um último olhar na sua direção, como se não acreditasse no que você disse, um sinal de que é mais esperta do que parece. Mas ela vai embora, batendo a porta ao sair e lançando o quarto mais uma vez na penumbra.

E agora?

Antes que você consiga voltar para suas buscas na internet, o celular toca. Avery é o nome que aparece na tela. Ela é uma de suas amigas mais antigas, que você conheceu quando entrou no ensino fundamental. Vocês duas já ajudaram uma à outra a sair de muitas furadas ao longo dos anos.

Mas, por outro lado, Avery também já te meteu em *muitas* furadas.

Você atende:

— Alô?

— Sloan! — Avery está ofegante, como sempre. — Ainda bem que você atendeu. Está livre hoje à noite?

— Estou…

— Ótimo! Quer ganhar uma grana?

Uma faísca de esperança acende em seu peito. Você não tinha a menor ideia de como conseguiria o dinheiro para pagar o aluguel, mas Avery talvez tenha a solução para seu problema.

— Claro que quero. O que eu tenho que fazer?

Enquanto espera a resposta, você pensa na lista de coisas que *não* está disposta a fazer. Ela é bem curta. Comer lixo, por exemplo. Bem, você até poderia comer algo do lixo. Tipo, se a comida estivesse só na

beira da lixeira, sem chegar a cair lá dentro. Mas você se recusaria a pegar uma casca de banana no fundo do saco e comer, por exemplo.

— É para trabalhar em um jantar — diz Avery, o que é ótimo, já que você estava a um passo de comer lixo se fosse necessário. — Me disseram que precisam de mais uma pessoa para ajudar a servir. E paga muito bem.

— Quão bem?

Ela diz o valor, e é de cair o queixo. Seria o suficiente para pagar o aluguel atrasado. O suficiente para pagar o aluguel do mês que vem também.

— Para trabalhar de *garçonete*? — você pergunta, desconfiada.

Pela sua experiência, quando algo parece bom demais para ser verdade, geralmente é.

— Bom — corrige Avery —, é um pouco mais interativo que isso. Você vai passar a noite toda fora, e é meio longe.

— Meio longe quanto?

— A casa fica em Peyton's Peak.

Peyton's Peak é uma montanha a duas horas de distância. Lá no topo, há várias mansões, em geral de gente muito rica e excêntrica, que curte o isolamento que viver em uma montanha oferece. Nessa época do ano, com as estradas cheias de neve, o caminho é perigoso.

— Ah, e mais uma coisa — acrescenta ela —, o GPS não funciona direito na montanha. Você vai ter que anotar num papel as orientações para chegar ao endereço.

Orientações em papel? É sério isso? Como faziam os Incas e os Maias?

— Não tenho carro — você lembra a Avery. — Você me dá uma carona?

— Infelizmente, não vai dar — responde ela. — Já estou aqui. Mas a Blair não tem um carro? Você não pode pedir emprestado?

Blair já havia, em algumas ocasiões, deixado você usar o carro, que, aliás, também foi presente dos pais dela. Se você disser que precisa dele para conseguir o dinheiro do aluguel, existe uma boa chance de que ela empreste.

— E aí? — pergunta Avery, ansiosa. — Topa?

O trabalho parece ter caído do céu. Mas, ao mesmo tempo, algo lhe diz que não é uma boa ideia aceitar. Você está mesmo tão desesperada assim por dinheiro?

Para aceitar o trabalho,
vá para o Capítulo 7

Para recusar o trabalho porque isso provavelmente vai te matar,
vá para o Capítulo 5

CAPÍTULO 5

—Desculpa — você diz para Avery. — Mas isso me parece muito esquisito. Acho que não é uma boa ideia.

— Tem certeza? — insiste ela. — É uma grana boa para uma noite só. E eu sei que você está precisando de dinheiro.

Ela tem razão. Mas seus instintos dizem que aceitar o trabalho seria um erro. Você vai arrumar outro jeito de conseguir o dinheiro do aluguel.

— Obrigada por pensar em mim — você diz —, mas vou ter que recusar.

— É você que sai perdendo.

Você desliga e, por um instante, fica se perguntando se tomou a decisão certa. Você precisa muito desse dinheiro.

Vá para o Capítulo 6

CAPÍTULO 6

Você não vai correr riscos desnecessários. De um jeito ou de outro, vai arrumar o dinheiro para pagar o aluguel. E, mesmo que tenha dito que você precisaria ir embora se não pagasse até amanhã, Blair não estava falando sério. Afinal, o que ela vai fazer? Tirar todas as suas roupas das gavetas e jogar pela janela? E depois obrigar você a morar no beco ao lado do prédio em um abrigo improvisado com um lençol?

Claro que não. Que ideia ridícula.

Você decide parar de pensar em dinheiro por ora. Em vez disso, resolve passar a noite no seu quarto, aconchegada com um livro, lendo a história de uma personagem, cujas escolhas foram mais interessantes do que as suas.

Amanhã, você vai dar uma olhada no tal do OnlyFans. Você sempre quis ter um fã-clube. Quem sabe não é o começo de uma nova e promissora carreira?

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 7

—Beleza — você diz para Avery. — Eu topo.

— Que ótimo! — Ela soa mais animada do que seria de esperar de alguém que acabou de convencer a amiga a aceitar um trabalho de garçonete. — Você não vai se arrepender disso, Sloan.

Veremos.

Primeiro, você precisa convencer Blair a te emprestar o carro. Não vai ser fácil, mas é a única maneira de chegar a Peyton's Peak. Mesmo se você tivesse dinheiro para isso, nenhum Uber iria até lá.

Você bate à porta do quarto de Blair. Pelos sons vindos de lá, não tem dúvida de que está interrompendo alguma atividade entre ela e o namorado. Mas, levando em consideração que os sons nunca param, você não tem escolha. Você escuta palavrões do outro lado da porta, e então Blair a escancara, parecendo irritada.

— O que foi, Sloan?

— Hum. — Você aperta as mãos uma na outra. — Queria saber se você pode me emprestar seu carro hoje à noite?

Pela cara de Blair, parece que você acabou de pedir o primogênito dela. Ela cruza os braços.

— Por quê?

— Consegui um trabalho num jantar — você explica. — Mas é lá em Peyton's Peak. É longe, mas vou ganhar o suficiente para te pagar o aluguel amanhã.

Blair pensa por um instante. Ela não gosta de emprestar o carro, mas quer o dinheiro.

— Tá bom — diz por fim —, mas, se eu encontrar um *arranhão* sequer no meu carro, você vai se arrepender.

Você não tem dúvida disso. Mas você é uma ótima motorista, então não está muito preocupada.

— Obrigada! Prometo que vou tomar cuidado.

Avery não mencionou se você vai usar um uniforme ou não, então veste uma calça social preta e uma camisa branca, e torce para que a roupa seja adequada para trabalhar em um jantar chique. Como continua frio, e vai esfriar ainda mais ao longo da noite, você pega um casaco. Por fim, prende o cabelo preto em um rabo de cavalo simples.

Você se sente estranhamente nervosa com esse trabalho, o que é curioso, porque já fez bicos de garçonete milhares de vezes. Mas não consegue ignorar a sensação inquietante que sente no estômago. Ainda assim, você teve a chance de recusar a proposta, e não fez isso. Está na hora de ir.

Lá fora está mais frio do que você imaginava. Você fecha o casaco até o pescoço enquanto desce os degraus do prédio. Assim que chega ao último degrau, uma gata sai do beco ao lado do prédio. Ela esfrega a cabeça na sua perna e encara você com um olhar pidão. É nítido que ela está procurando o que comer e, pela magreza, dá para perceber que a situação aqui é escassa.

Você *adora* animais. Às vezes, acha que gosta mais deles do que de pessoas. Em qualquer outra noite, já estaria providenciando comida para a gata faminta, mas não pode se atrasar hoje. Você disse à Avery que iria direto para lá, e o caminho até Peyton's Peak é longo. Não dá tempo de se preocupar com uma gata de rua.

Mas ela parece estar com tanta fome… Como você pode deixá-la sem pelo menos algo para beliscar?

Para voltar ao apartamento
e pegar comida para a gata,
vá para o Capítulo 8

Para ir direto para o carro,
vá para o Capítulo 9

CAPÍTULO 8

Sim, é importante arrumar dinheiro para o aluguel, mas você não vai ignorar um animal faminto. Alimentar a gata vai levar cinco minutos, depois você pega a estrada.

Você sobe correndo até o apartamento, e, por sorte, Blair e o namorado, Griff, ainda estão no quarto. Você abre a geladeira e analisa as opções. Não há muito lá dentro além de alguns potes com sobras de comida chinesa. Você pega o primeiro que vê e o abre. Tomara que a gata goste de frango xadrez.

Você pega uns pedaços de frango e desce correndo. A gata está à sua espera, miando de um jeito aflito. Parece mesmo estar morrendo de fome. Ainda bem que você resolveu tirar uns minutos para alimentá-la.

Você se senta nos degraus do prédio e desfia um pedacinho de frango para a gata. Ela engole tudo de uma vez e olha para você pedindo mais. Pelo visto, gatos gostam, *sim*, de frango xadrez. Você dá o resto, e o frango todo acaba em uma questão de segundos. Depois de comer, ela se esfrega em você, agradecida, e você faz carinho nos pelos macios dela. Que gatinha fofa.

Agora que você já fez sua boa ação do dia, está na hora de botar o pé na estrada!

Vá para o Capítulo 9

CAPÍTULO 9

O Audi prata foi o presente de formatura que o pai de Blair deu para ela, e você pretende fazer de tudo para mantê-lo intacto durante a viagem. Não há dúvidas de que Blair cumpriria a promessa de tornar sua vida um inferno caso alguma coisa acontecesse com o Audi.

Você se senta no banco do motorista e liga o carro. Os bancos *e* o volante são aquecidos. Se tivesse um banheiro ali dentro, esse carro seria melhor do que qualquer lugar onde você já morou. Vai ser uma pena devolvê-lo para Blair no fim da noite.

Talvez você devesse roubá-lo. *Esse carro* podia ser seu novo lar. Seria um crime sem vítimas — o pai de Blair simplesmente compraria outro para ela.

Não, chega de ficar babando pelo carro. Você tem um trabalho a fazer.

Ao volante, você pega a estrada rumo a Peyton's Peak. Mesmo sabendo que o GPS irá parar de funcionar quando chegar perto da casa, você se guia por ele. Você trouxe o papel no qual rabiscou as coordenadas que precisará seguir quando o sinal cair. Sua maior preocupação é que o celular também pare de funcionar. E se você acabar se perdendo?

Mais uma vez, você se pergunta se aceitar esse trabalho foi um erro. Um lugar remoto na montanha… Sem sinal de GPS… Uma remuneração bem acima do que qualquer trabalho normal de garçonete pagaria… É *super*esquisito. Mas não dá para voltar atrás agora. Você vai.

Enquanto ainda está na cidade, há bastante movimento na rua. Afinal, é sábado à noite, e todo mundo — exceto você — está se divertindo. Mas, assim que sai da cidade, o tráfego diminui, e, quanto mais você se aproxima da montanha, mais deserta a estrada fica. Em certo momento, você se dá conta de que não viu nenhum outro carro nos últimos quinze minutos.

Mas tudo bem. Você gosta de ficar sozinha, e é até agradável dirigir nesse silêncio. Isso te dá tempo para pensar.

Por exemplo, você pode pensar nos problemas que teve com a justiça. Na sua conta bancária zerada. Na sua vida amorosa totalmente inexistente.

Argh, que droga. O que está tocando no rádio?

Ouvir rock a distrai enquanto você segue pela estrada deserta. Após pouco mais de uma hora de viagem, você nota algo à margem da estrada. Os faróis estão ligados, mas, mesmo assim, é difícil enxergar ao longe. Você só consegue entender o que é quando se aproxima.

É um homem. Ele está parado sozinho à beira da estrada, com o polegar virado para cima e uma bolsa de lona ao lado.

Um homem pedindo carona.

O casaco leve que ele usa não é nada apropriado para o frio — ele deve estar congelando. Há quanto tempo está ali? Não há muito movimento na estrada, e, se você não parar, talvez ele fique horas esperando ali.

Mas o que você pode fazer? Não dá para parar. Você não está passeando de carro — precisa chegar a esse jantar para ganhar o dinheiro para pagar o aluguel. E, mesmo se não tivesse um compromisso, dar carona não é uma boa ideia. Você é uma jovem, sozinha no meio do nada. Pode ser perigoso.

Além disso, esse homem parece meio esquisito. Ele tem uma barba espessa e o cabelo desgrenhado. O olhar dele tem um ar meio selvagem.

Por outro lado, o coitado está ali no frio há sabe-se lá quanto tempo. Como você poderia ignorá-lo?

Para dar carona ao homem,
vá para o Capítulo 10

Para ignorá-lo e continuar dirigindo,
vá para o Capítulo 14

CAPÍTULO 10

Você precisa dar carona para aquele homem. É a coisa certa a fazer. Não dá para deixar uma pessoa morrer congelada enquanto espera ajuda.

Você para na beira da estrada. Um sorriso se abre no rosto dele, e você fica satisfeita com a decisão. Ajudar outro ser humano é sempre a melhor escolha. Pessoas são quase tão boas quanto animais.

— *Muito* obrigado — diz o homem ao entrar no carro, sentando-se ao seu lado.

Ele parece ter uns 50 anos, há rugas ao redor de seus olhos, a barba cheia está grisalha, mas o cabelo despenteado nem tanto.

— Imagina — você responde. — Há quanto tempo você estava pedindo carona?

— Duas horas.

— Ah, nossa. — Uma onda de compaixão toma conta de você. — Bem, estou indo para Peyton's Peak. E você?

— Ah, perfeito — diz ele. — Vou ficar no chalé de um amigo ao pé da montanha. Então você pode me deixar antes da subida.

— Com prazer — você diz. — Aliás, meu nome é Sloan.

Ele sorri, revelando uma boca de dentes meio amarelados, mas relativamente intactos.

— Jasper.

Até Jasper aparecer, você não tinha se dado conta do quanto estava se sentindo sozinha na viagem. Era bom ter companhia, e vocês engatam uma conversa. Jasper conta que perdeu a esposa há pouco tempo e que, desde então, está viajando pelos Estados Unidos, fazendo bicos quando consegue.

— Lorna sempre quis conhecer o país — diz ele —, mas nunca conseguiu fazer isso enquanto estava viva. Então agora é a chance dela.

Você olha para trás, como se esperasse encontrar o fantasma de Lorna no banco traseiro.

— Como assim?

Ele dá um tapinha na bolsa de lona.

— Levo as cinzas dela comigo para todo lugar. Assim ela vê tudo o que eu vejo.

Que fofo. É meio sinistro, claro, mas fofo, no geral. Contanto que só as cinzas de Lorna estejam na bolsa, e não… Bem, a Lorna.

Depois de mais uns vinte minutos de estrada, vocês chegam a uma bifurcação que sai da via principal. Jasper aponta para ela.

— Eu vou para lá.

Você reduz a velocidade, tentando enxergar melhor na escuridão. É um caminho estreito, sem iluminação; o asfalto está em péssimas condições. Há mato e galhos por todo canto. Você encosta, sem saber o que fazer.

— Fica pertinho daqui — diz Jasper. — Uns quinze minutos a pé. Mas não vou recusar se você não se importar em me dar uma carona até lá.

Você hesita. Odeia a ideia de expulsar Jasper e deixá-lo encarar aquele caminho escuro e frio sozinho. Mas o trajeto até ali foi rápido, e você tem tempo para levá-lo até o chalé do amigo. Só que, quando começa a girar o volante, você hesita. Algo no fundo da sua alma está lhe dizendo que seguir pela rua estreita seria um erro.

Mas isso é bobagem. Não é?

Para levar Jasper até o chalé do amigo,
vá para o Capítulo 12

Para deixá-lo ali mesmo,
vá para o Capítulo 11

CAPÍTULO 11

—Desculpa, mas preciso ir — você diz a Jasper. — Estou indo para um jantar. Não posso me atrasar.

— Ah. — Ele parece decepcionado, mas assente com a cabeça, compreensivo. — Eu entendo. Bem, obrigado por me trazer até aqui. Você foi muito gentil.

— De nada.

Você fica sentada ali, esperando Jasper sair do carro. Só que ele não se mexe. Continua sentado, encarando você com um brilho esquisito no olhar. A luz da lua cheia faz os fios brancos da barba dele parecerem larvas.

— Hum — você diz. — Preciso mesmo ir. A menos que você queira ir comigo para o jantar. — Você solta uma risada, mas o som sai engasgado. — Mas é sério. Não posso me atrasar.

No entanto, ele não se mexe. Em vez disso, estende as mãos grandes e agarra seu pescoço.

Você tenta gritar, mas não consegue, porque as mãos dele pressionam sua traqueia. Ele continua apertando forte até você começar a ver manchas, e então tudo escurece.

Você vai morrer. Esse homem vai matá-la.

Você está perdendo a consciência, e seu último pensamento antes de sucumbir à morte é que, se não tivesse dado carona para ele, sua noite seguiria um rumo completamente diferente.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 12

—Posso te levar até lá — você responde. — Sem problemas.

— Obrigado — diz Jasper. — Você é muito gentil.

Você *é* gentil, e dar carona para ele com certeza melhorou seu carma. Não é culpa sua estar numa maré de azar, mas, com sorte, isso está prestes a mudar. Você está *sentindo*.

Você entra na estrada escura e estreita, contando com a luz dos faróis para enxergar o caminho. Você dirige devagar — a visibilidade é ruim, e o trecho é só parcialmente asfaltado. Se alguma coisa acontecer com o carro, Blair com certeza vai te matar. Seu maior medo é que um galho arranhe a lataria, então começa a achar que talvez isso tenha sido um erro, mas agora já é tarde.

Após alguns minutos, você avista um chalé em uma clareira. Estaciona o carro em frente.

— Pronto — você anuncia —, chegamos!

— Muito obrigado, Sloan — diz Jasper. — Você não imagina o quanto sou grato.

— Foi um prazer ajudar.

Ele olha para o chalé, depois para você de novo.

— Escuta, quer entrar um pouquinho? Sei que você tem um compromisso, mas deve estar dirigindo há um tempão já. Seria bom fazer uma pausa para esticar as pernas, tomar um chá.

Você olha para o relógio no painel. A viagem foi *mesmo* bem rápida.

— Bem…

— Vamos — insiste Jasper. — É o mínimo que posso fazer por você ter me dado carona e me trazido até aqui.

— Bem…

Para ir com Jasper para o chalé,
vá para o Capítulo 13

Para ir embora,
vá para o Capítulo 11

CAPÍTULO 13

Faz quase uma hora e meia que você está no carro. Suas costas estão começando a doer, e você sente cãibra na panturrilha direita. Seria bom esticar um pouco as pernas. E você está adiantada. Não tem por que chegar cedo, né?

— Claro — você responde —, posso fazer uma parada rápida.

Você sai do carro e fica horrorizada ao ver longos arranhões de galhos por toda a lateral. Ai, meu Deus, Blair vai *matar* você. Mas isso é um problema para depois.

Jasper guia você até o chalé. Porém, ao se aproximar, você percebe que o lugar está bem mais acabado do que parecia. Na verdade, o chalé parece meio abandonado. Você se pergunta se aceitar o convite para entrar foi mesmo uma boa ideia, mas, a essa altura, não dá mais para voltar atrás. Você já tomou sua decisão.

A porta range quando Jasper a abre e a segura como um cavalheiro. Infelizmente, lá dentro é ainda pior. A decoração é espartana, com apenas um sofá úmido, uma cadeira de madeira caída no chão, uma estante com uma prateleira cheia de cadernos em espiral e outra tomada por bonecas velhas e empoeiradas. Também há uma lareira, que está apagada — o chalé está um gelo. No canto, há uma pequena pilha de lenha, com um machado fincado sobre ela.

Não tem como se sentar para tomar chá. Não tem nem mesa ali! O fogão está todo enferrujado, e as panelas também.

— Você disse que seu amigo mora aqui? — você pergunta, hesitante.

— Pois é — responde Jasper, de um jeito meio vago.

Você quer perguntar se o tal amigo tem o hábito de limpar a casa, mas seria falta de educação. Ainda assim, o chalé parece abandonado. Você se vira para Jasper, sem saber se ele está pensando a mesma coisa, mas o foco dele não é você. Ele olha para a pilha de lenha.

— Você vai acender a lareira? — você pergunta.

É a única coisa no chalé que parece funcionar.

— Claro — diz ele, seguindo na direção dela. — Boa ideia.

Parte de você quer ajudar Jasper a acender a lareira, mas uma parte maior só quer dar o fora dali.

— Sabe — você começa —, está ficando tarde. Acho melhor eu voltar para o carro e seguir para a montanha.

Jasper estende o braço na direção da pilha de lenha. Você acha que ele vai pegar algumas toras de madeira para acender o fogo, mas, em vez disso, ele pega o machado.

— Hum — você diz. — O que você vai fazer com isso?

Que pergunta idiota.

Jasper solta um som parecido com um grito de guerra e vem em disparada na sua direção, com o machado erguido acima da cabeça. Você se vira e sai correndo.

Você consegue sair pela porta e chegar ao carro antes que ele a alcance. Jasper solta outro berro e desfere um golpe com o machado. Por um triz não acerta você, e a lâmina afunda na porta do carona, abrindo um buraco enorme.

— No carro, não! — você guincha.

Blair vai ficar *furiosa*.

A boa notícia é que o golpe seguinte do machado não causa mais danos ao carro. A notícia ruim é que ele acerta você em cheio no peito, atravessando pele e osso com um corte limpo.

Você desmorona no chão, numa poça do próprio sangue. Enquanto sua vida se esvai, seu último pensamento é que, se não tivesse saído do carro, tudo teria sido diferente.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 14

Infelizmente, por mais que você queira ajudar o homem e lhe dar uma carona, simplesmente não vai dar tempo. Então você deixa o coitado à beira da estrada, com o polegar apontado para cima. Com sorte, outra pessoa logo passará por ali e se compadecerá dele.

Você segue dirigindo pela estrada vazia. Depois de um tempo, chega ao pé da montanha e começa o traiçoeiro caminho até o topo. Pouco depois do início da subida, o celular perde o sinal do GPS, como esperado, então você só pode contar com as instruções de Avery na folha ao seu lado.

A estrada que sobe a montanha é perigosamente estreita. Se fizer uma curva errada, pode cair lá embaixo, despencando para a morte. Ou pior, pode bater o carro de Blair. Você dirige com muito, muito cuidado. A subida é demorada, mas, como não havia trânsito, você está adiantada. É melhor prevenir do que remediar.

Após cerca de quinze minutos percorrendo a estrada serpenteante, você chega a uma bifurcação.

Você encosta o carro e acende a luz interna. Verifica as orientações na folha de papel no banco ao lado, buscando alguma menção à bifurcação. Como era de esperar, não encontra nada.

Você pega o celular, na esperança de ligar para Avery e tirar a dúvida, mas é claro que não há sinal. Pelo visto, você vai ter que se virar sozinha.

Para melhorar a visibilidade, você apaga a luz interna. Olha lá para fora, tentando encontrar uma solução. Há duas opções: esquerda ou direita.

À esquerda, é como se a estrada fosse se embrenhando, como se estivesse *entrando* na montanha. Parece um caminho mais frio, pois o asfalto ainda está coberto por uma camada de neve. Parece que não passa carro por ali há um bom tempo.

À direita, a estrada fica ainda mais estreita. Quase estreita demais para o carro de Blair, que nem é dos mais largos. Também há uma placa em formato de losango, com letras vermelhas e maiúsculas anunciando: CURVAS ACENTUADAS À FRENTE. E então, uma segunda placa logo abaixo diz: SIGA COM CUIDADO!

Bem, ambas as opções parecem péssimas. Como as instruções de Avery não ajudam em nada, você precisa decidir.

Para virar à esquerda,
vá para o Capítulo 15

Para virar à direita,
vá para o Capítulo 32

CAPÍTULO 15

As placas te assustaram, então você decide seguir pela esquerda. Um caminho sem avisos de perigo parece mais promissor.

Só seria melhor se alguém tivesse limpado a neve.

Conforme você avança, a estrada fica cada vez mais escorregadia. A neve se acumula no chão e, apesar de o carro de Blair ter tração nas quatro rodas, ele segue com dificuldade. Pior ainda: quando você para de novo para verificar as instruções de Avery, elas não parecem bater com nada à sua frente. Nenhuma das estradas tem nome. Um péssimo sinal.

Você fica preocupada, talvez tenha escolhido o caminho errado.

Seria melhor dar meia-volta e retornar para a bifurcação. Mas a estrada é tão estreita e escorregadia que manobrar vai ser complicado. Então segue em frente, torcendo para que a estrada melhore em algum ponto e você dê de cara com a casa do jantar de repente, bem na hora.

Só que, quanto mais você avança, mais óbvio fica que isso não vai acontecer. Você escolheu o caminho errado e vai ter que voltar.

Você para na estrada coberta de neve. Engata a ré, mas, quando acelera, o carro não sai do lugar. Suspirando, você engata a primeira marcha, só que, ao pisar no acelerador, o carro não sai do lugar.

Desta vez, você pisa fundo. As rodas giram freneticamente, mas o carro não anda. O impulso estava levando você para a frente, e, quando você parou, perdeu o embalo. Agora está atolada.

Você tenta o acelerador mais algumas vezes, mas não adianta. É nítido que tem neve demais na estrada adiante, e, a menos que você limpe tudo com as próprias mãos, não vai sair do lugar. A ideia de chegar cedo ao jantar já era.

Você abre a porta do carro e, assim que faz isso, escuta algo. Parece o uivo de um lobo ao longe.

Você congela. O lobo parece estar distante, mas não *tão* distante assim. Então cai a ficha de que com certeza há animais selvagens

perambulando pela região a essa hora da noite. Sair do carro pode ser perigoso. Se continuar ali dentro, pelo menos não será devorada.

Mas o que deve fazer? Você não tem gasolina suficiente para manter o carro ligado a noite inteira e, se ficar ali, vai morrer congelada.

Para sair do carro,
vá para o Capítulo 17

Para ficar no carro,
vá para o Capítulo 16

CAPÍTULO 16

Você conclui que a melhor decisão é ficar no carro. Escuta alguns barulhos assustadores lá fora, mas, pelo menos ali dentro, você está segura. E ainda tem cerca de meio tanque de gasolina. Talvez dê para passar a noite ali. Se não estiver em casa pela manhã, Blair com certeza vai mandar alguém procurar seu Audi.

Só para garantir, você deixa o aquecedor no mínimo e desliga o rádio.

Pouco mais de uma hora depois, a gasolina acaba. Por algum motivo, você achou que teria mais tempo. O motor para, e você fica no escuro, sem aquecimento. Para manter o calor, você se abraça, mas a temperatura na montanha é brutal — abaixo de zero. Dá para ver sua respiração condensando no ar. Quem dera você tivesse trazido algo além de um casaco leve. Um gorro agora seria muito bom.

Conforme as horas vão passando, a temperatura despenca ainda mais. Você nem imaginava que fazia tanto frio assim na montanha. Chega a cogitar sair do carro, mas, quando tenta abrir a porta, descobre que ela congelou. E, mesmo que conseguisse sair dali, a gasolina acabou. Você teve a chance de sair, e tomou a decisão errada.

Às duas da manhã, um milagre acontece. Do nada, você se sente *aquecida* de novo. Parece que o aquecedor voltou a funcionar num passe de mágica, mas, não, o motor continua desligado. Então por que está se sentindo quente de repente? E não é só uma sensação de quentinho — você está com muito calor. Como se estivesse pegando fogo!

Você arranca o casaco, porque está quente demais dentro do carro. Vagamente, nos confins da sua mente, você se lembra de ter lido que os músculos que controlam os vasos sanguíneos periféricos que mantêm o calor ficam esgotados e param de funcionar quando a pessoa está perto da morte. Isso faz com que uma onda repentina de sangue seja conduzida do centro do corpo até as extremidades,

provocando uma sensação de calor intenso. É o estágio final e fatal da hipotermia.

Mas não é isso que está acontecendo com você. É?

Entretanto, antes que consiga pensar melhor, uma névoa toma conta de tudo. Nossa, está tão gostoso e quentinho aqui dentro do carro. Você vai fechar os olhos só por um minuto. Quando acordar, já terá amanhecido, e você conseguirá encontrar o caminho de volta para casa.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 17

Por mais assustador que seja sair da segurança do veículo, você não quer morrer congelada. Sua única esperança é tentar desatolar o carro para conseguir ir embora.

Você força a porta e sai. O vento é brutal. Você o enfrenta dando a volta até a frente do carro, bloqueada por um monte de neve. Então percebe, horrorizada, que o gelo arranhou toda a lateral do Audi — Blair vai te *matar*.

E agora, o que vai fazer? Você não tem uma pá. Até pode dar uma olhada no porta-malas, mas Blair não é o tipo de pessoa que levaria uma pá de um lado para outro.

Talvez tivesse sido melhor ficar dentro do carro. Talvez fosse a decisão mais sensata.

Você está pensando se deve voltar para o carro e esperar com o aquecedor ligado quando ouve um baque atrás de você. O som é alto o suficiente para fazer o chão tremer e, então, um segundo ruído ainda mais alto corta o silêncio da noite.

Que diabo é isso?

Você *não* deveria ter saído do Audi — isso foi um erro grave. Precisa entrar no carro, se já não for tarde demais. Não sabe o que foi aquele som, mas sabe que está correndo perigo.

Você se vira com o coração disparado. E se depara com uma criatura terrível — algo que parece ter saído dos seus piores pesadelos. Ela tem pelo menos o dobro do seu tamanho e está coberta de pelos brancos. Suas presas são amareladas e seus olhos, escuros e furiosos. Você nunca viu nada tão apavorante na vida. Parece que seu coração está prestes a explodir.

Então a escuridão toma conta de tudo.

Vá para o Capítulo 18

CAPÍTULO 18

Você acorda no chão gelado e duro.

Não tem a menor ideia de onde está. Sua única certeza é que está frio, porém menos do que quando saiu do carro. Você pisca algumas vezes, tentando recuperar o foco. O lugar onde você está é escuro, mas há uma luz bruxuleante a uns dois metros de distância — uma fogueira. Deve ser dali que vem o calor.

Então você entende onde está:

Dentro de uma caverna.

Como foi parar ali? Sua última lembrança é aquela criatura apavorante avançando na sua direção, com as garras à mostra. Então, de repente, você estava abrindo os olhos naquele lugar.

A criatura deve ter trazido você como prisioneira.

Você se senta com dificuldade, esfregando a cabeça dolorida. Está vagamente consciente de um som às suas costas. Um grunhido.

Você não está sozinha na caverna.

Você se vira, esperando dar de cara com o monstro. Mas o monstro não está aqui. Em vez disso, há um homem amarrado e amordaçado, caído no chão a uns três metros de distância. Ele tem o cabelo desgrenhado e a barba espessa. E parece estranhamente familiar…

Espere aí. Não é o cara que você viu pedindo carona na estrada? Para quem você não parou, porque não queria se atrasar para o tal jantar?

Sim! É ele!

Pelo visto, o abominável homem das neves capturou vocês dois. Você não tem ideia do que ele pretende fazer, mas não seria surpresa se acabasse virando o jantar dele. Mas a parte estranha (bem, a *mais* estranha) é que apenas o homem está amarrado. Os punhos e tornozelos dele estão presos com corda, mas você está solta. O monstro deve ter achado que você não é uma ameaça porque é mulher. Que monstro machista.

O homem que estava pedindo carona solta um grunhido mais alto, tentando chamar sua atenção. Suas pernas ainda parecem fracas demais para que se levante, então você se arrasta pelo chão frio até alcançá-lo. A boca dele está amarrada com um pano, como se fosse uma mordaça. Você o puxa para baixo para que ele consiga falar.

— Graças a Deus! — exclama ele. — Quando te vi ali no chão, achei que estava… Bem, você sabe.

Você esfrega seu couro cabeludo dolorido, se perguntando se foi por isso que o monstro não a amarrou. Talvez ele também tenha pensado que você estava morta.

— Você precisa me soltar — diz o homem com urgência na voz. — Ele saiu há uns quinze minutos, mas pode voltar a qualquer momento. Temos que sair daqui. *Agora*.

— Tá — você diz, mas então hesita.

— *Anda logo* — insiste o homem. — Não temos muito tempo. Se ele voltar, vai matar nós dois, com certeza.

Ele tem razão. Vocês estão presos na caverna de um abominável homem das neves, que provavelmente conseguiria matá-los com uma mão nas costas. A única chance de sobreviver é dar o fora dali.

Mas…

Tem algo esquisito nessa história. Por que só aquele homem está amarrado? Não faz sentido.

Mas você não pode simplesmente deixá-lo ali, pode? Isso seria ainda pior do que quando passou direto por ele na estrada. Você não é desalmada.

Para desamarrá-lo,
vá para o Capítulo 19

Se não quiser mexer em nada,
vá para o Capítulo 20

CAPÍTULO 19

O homem tem razão. Você precisa soltá-lo e sair dali o mais rápido possível. Assim que o monstro voltar, vocês dois estarão fritos. Não dá para abandoná-lo à própria sorte.

Engatinhando, você dá a volta para desamarrar a corda às costas dele. Mesmo sem uma faca, consegue soltar os nós que prendem os pulsos do homem. Depois disso, ele te ajuda a soltar os tornozelos também. Agora livre, ele fica sentado no chão, esfregando os pulsos vermelhos e machucados.

— Obrigado — diz ele, suspirando. — Muito obrigado.

— Vamos. — Você se levanta com dificuldade, ciente do fato de que o monstro pode voltar a qualquer instante. — A gente precisa sair daqui.

— Pois é. — De repente, a voz dele soa estranha, como se ele mesmo não fosse bem humano. — Precisamos ir.

Ele se levanta devagar demais. Você não entende por que ele começou a agir como se tivessem todo o tempo do mundo, quando há um abominável homem das neves prestes a voltar e devorar vocês.

— Como saímos daqui? — você pergunta.

Ele não responde de imediato, mas, depois de alguns instantes, aponta para a direita.

— Tem certeza? — você questiona.

— Absoluta — responde ele, sem parecer ter certeza alguma.

Levando em consideração que você só poderia chutar para onde ir, decide confiar no senso de direção dele. Quando começa a seguir para a direita, sente uma brisa, o que a faz pensar que o caminho pode mesmo levar à saída. Mas, por outro lado, vocês estão se afastando da luz e do calor da fogueira, o que significa que fica cada vez mais frio e escuro.

— Não estou enxergando nada — você diz, suspirando.

— É — concorda o homem. — Eu também não.

— Seria bom ter uma luz.

— Na verdade — diz ele —, tenho um isqueiro no bolso.

— Que ótimo!

Você fica parada ali enquanto ele revira o bolso em busca do isqueiro. Após alguns segundos, ouve o clique, e a chama se acende. Uma pequena órbita de luz ilumina o rosto dele, tornando seus olhos quase demoníacos.

— Aliás, Sloan — diz ele, em uma voz baixa —, eu já te agradeci por me soltar?

Espere aí. Você disse para ele que seu nome é Sloan? Deve ter dito, porque, caso contrário, como ele saberia? Só que, naquele momento, você não se lembra de ter falado seu nome para ele, o que é quase tão assustador quanto o abominável homem das neves.

— Estou *tão* feliz que você me soltou — sibila ele.

Então sorri.

Assim que a chama se apaga, você dá um grito, e os dedos do homem se fecham ao redor do seu pescoço. Enquanto ele a sufoca, você só consegue pensar que, se não o tivesse soltado, tudo teria sido bem diferente.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 20

Sua intuição diz que você não deve soltar esse homem. Você não sabe por que, mas não quer desamarrar os braços e as pernas dele até entender melhor o que está acontecendo.

— Calma — você diz. — Preciso de um minuto.

— Um minuto? — repete ele. — Você não me ouviu? Aquele monstro vai voltar para nos *matar*. E você nunca vai conseguir sair daqui sem a minha ajuda.

Talvez ele tenha razão, mas, mesmo assim, você não tem certeza de que deveria soltá-lo. Algo diz que é melhor esperar.

— Acho que temos tempo — você diz.

— Não temos. — Ele se debate em vão, amarrado com as cordas. O abominável homem das neves sabe mesmo dar nós firmes. — *Anda logo*. Você não vai me deixar aqui assim, vai?

— Hum…

— Por favor! — Ele para de se debater e olha no fundo dos seus olhos. — Você *precisa* me soltar. Ele vai me matar! *Por favor!*

Tudo bem, última chance…

Para soltar o homem,
vá para o Capítulo 19

Para deixá-lo amarrado,
vá para o Capítulo 21

CAPÍTULO 21

—Desculpa — você diz. — Mas não vou te soltar por enquanto.

O homem se debate, tentando se libertar.

— Não acredito nisso! Sua… Sua vagabunda!

Bom, agora é que você não vai soltar esse homem mesmo.

Você levanta a mordaça e a enfia de novo na boca dele, para não precisar ouvir mais xingamentos. Então se levanta e olha ao redor.

Há uma pequena fogueira no meio do espaço aberto, que proporciona luz e calor. Fora isso, não há muita coisa na caverna. Você nota uma cama improvisada com folhas velhas. Será que o monstro dorme ali?

Bom, o homem tinha razão sobre uma coisa. Você precisa dar o fora dali. E rápido.

Uma leve brisa vem da direita. Deve ser a direção da entrada da caverna — ou pelo menos você torce para que seja isso. Se conseguir fugir desse lugar, com sorte vai conseguir encontrar o caminho de volta para o carro. E, assim que encontrar o carro, você vai dar no pé.

Você começa a seguir para o túnel à direita, mas, após avançar poucos metros, escuta um rugido. O barulho é rapidamente seguido pelo mesmo som pesado de passos que você escutou perto do carro.

Ah, não. Ele voltou.

Você cometeu um erro. Devia ter corrido quando teve chance. Agora é tarde demais. O monstro vai devorar você e depois, de sobremesa, aquele homem. (Ou talvez ele seja o prato principal e você, a sobremesa. Ele parece ter um pouco mais de carne.)

Você vasculha a caverna atrás de uma possível arma. Há uma pedra grande em um canto, que parece capaz de causar algum estrago. Mas, por outro lado, o monstro é muito maior do que você. Lutar não parece uma opção — a menos que você tivesse uma pistola.

Talvez seja melhor tentar se comunicar com ele. Não há como saber se ele fala algo parecido com a sua língua, mas você pode tentar se

comunicar por mímica para mostrar que não é uma ameaça. Ou pelo menos que não deve ser muito saborosa.

Seja lá o que você decidir, esta é sua única chance de acertar. Se você tentar lutar contra o monstro e perder, é quase certo que será devorada.

Para lutar contra o monstro,
vá para o Capítulo 22

Para tentar conversar com ele,
vá para o Capítulo 23

CAPÍTULO 22

Você nunca foi de aceitar seu destino de braços cruzados. Se o monstro quiser te devorar, terá que se esforçar.

Você pega a pedra e se agacha no espaço aberto da caverna. Até pensa em desamarrar aquele homem, porque uma briga de dois contra um te parece mais favorável, mas não confia nele. Além do mais, se ele estiver disponível como um lanche fácil, o monstro nem vai precisar comer você.

O som pesado se aproxima mais e mais. *Tum*, *tum*, *tum*. Não tem certeza do que faz mais barulho — os passos ou seu coração. De toda forma, em instantes você estará cara a cara com o monstro.

A sombra imponente surge primeiro. Ele solta um rugido retumbante que faz a caverna inteira tremer. Você fica com tanto medo que quase deixa a pedra cair.

E então, um segundo depois, lá está ele.

É a primeira chance que você tem de olhar bem para o monstro — lá fora não deu tempo. Ele tem pouco menos de dois metros e meio e é coberto de pelos brancos da cabeça aos pés. Exceto nos dedos, que são de um roxo-escuro. Seu nariz não passa de dois orifícios no meio do rosto, e seus olhos são escuros como um abismo sem fim. O brilho da fogueira é suficiente para revelar suas presas amareladas. Quando você o encara, finalmente entende o que está vendo.

O monstro *é* o abominável homem das neves. Um monstro *mítico*.

Mas não há tempo de ficar impressionada com essa descoberta revolucionária. Sua única chance de lutar contra o monstro é agora, enquanto ainda tem o elemento surpresa. Você levanta a pedra acima da cabeça e corre na direção dele. O monstro entende o que você pretende fazer e solta um rugido furioso.

Quando chega perto o suficiente, você o golpeia. Arremessa a pedra na direção do monstro com todas as suas forças. O esforço é tanto que você arfa.

A pedra acerta a perna direita do monstro. Apesar de você ter usado toda a força que conseguiu reunir, ela quica nele, sem causar nenhum estrago. Aquela pedra gigante não fez nem *cosquinha*. Foi como se tivesse jogado uma pedrinha de nada.

Então é isso, lutar não deu certo.

O monstro solta outro rugido que balança as estruturas da caverna. E mais outro. E outro. Mas então, quando escuta algo parecido com um porco, você finalmente entende que ele não está rosnando, cheio de fúria.

Ele está *rindo*.

Vá para o Capítulo 24

CAPÍTULO 23

Você nunca foi muito de brigar. E, mesmo que fosse, não teria chance contra uma fera gigantesca, com o dobro do seu tamanho. Terá mais chance se tentar fazer amizade com ele para convencê-lo a libertá-la.

Você espera no espaço aberto da caverna, pensando no que dizer. Por sorte, anda tão sem dinheiro que mal tem comido — e pode argumentar que está magra e ossuda demais para que ele aproveite. Além disso, aquele homem continua amarrado e disponível como uma alternativa bem mais apetitosa.

O som pesado dos pés do monstro se aproxima cada vez mais, e você permanece parada ali, apavorada. Não tem certeza do que faz mais barulho — os passos ou seu coração. De toda forma, em instantes você estará cara a cara com o monstro.

A sombra imponente surge primeiro. Ele solta um rugido baixo ao entrar cambaleando no espaço aberto e demora um pouco para surgir em seu campo de visão. Mas, quando isso acontece, você fica com tanto medo que quase faz xixi nas calças.

É a primeira chance que você tem de olhar bem para o monstro — lá fora não deu tempo. Ele tem pouco menos de dois metros e meio e é coberto de pelos brancos da cabeça aos pés. Exceto nos dedos, que são de um roxo-escuro. Seu nariz não passa de dois orifícios no meio do rosto, e seus olhos são escuros como um abismo sem fim. O brilho da fogueira é suficiente para revelar suas presas amareladas. Enquanto você o encara, finalmente entende o que está vendo.

O monstro *é* o abominável homem das neves. Um monstro *mítico*.

Não há tempo a perder. Se você hesitar, ele irá agarrá-la, enfiá-la na boca e engoli-la de uma vez só. Ele estará lambendo os dedos antes mesmo que você consiga abrir a boca.

Em um impulso, você se ajoelha.

— Gentil senhor — você diz —, imploro por clemência.

O abominável homem das neves apenas a encara. Mas não lambe os beiços nem nada parecido, então você continua.

— Sei que o senhor pode fazer o que quiser comigo — você continua —, mas, se tiver a misericórdia de me poupar, posso… Bom, não sei exatamente o que o senhor gostaria que eu fizesse. Posso… — Você olha ao redor. — Posso fazer uma faxina. Posso arrumar aquelas pedras ali! Posso te ajudar a fazer outros bonecos de neve, caso o senhor queira formar um exército ou coisa parecida. Posso, hum, fazer uma boneca de neve, caso o senhor esteja, hum, solitário?

Não dá para saber se ele entendeu uma única palavra do que você disse. Pode ser que, para ele, todo o seu discurso não tenha passado de grunhidos ininteligíveis. Além disso, como acontece com a maioria dos homens, a expressão no rosto dele é dificílima de interpretar. Nesse sentido, ele meio que lembra seu ex-namorado, Josh, o que não te faz gostar nem um pouco mais dele.

Então o monstro solta outro rugido que balança as estruturas da caverna. Você sente um aperto no peito. Ele não entendeu nada. Apesar do seu esforço, ele vai te matar.

Mas então os ombros dele começam a tremer. E é aí que você finalmente entende que ele não está rosnando, cheio de fúria.

Ele está *rindo*.

Vá para o Capítulo 24

CAPÍTULO 24

—Qual é a *graça*? — você pergunta.

O abominável homem das neves para de rir. Ele balança a cabeça, mas, por baixo de todo aquele pelo, seus lábios ainda se mexem. Pelo visto, o homem das neves não quer devorar você, mas está tirando sarro da sua cara, o que talvez seja até pior. Quer dizer, não, se ele quisesse devorar você, com certeza seria pior. Mas isso também não é nada bom.

— Por que você está rindo? — você insiste.

— Porque… — A voz dele surpreende você. É grave, mas menos ameaçadora do que você imaginava. Ele enuncia as palavras perfeitamente. — Vocês, humanos, *sempre* acham que serão devorados, como se fossem *muito* deliciosos. É sério, que povo convencido. Para sua informação, seres humanos são bem fibrosos e desagradáveis de comer.

Bom, que alívio. Apesar de você ficar se perguntando como ele sabe disso.

— Então por que você me sequestrou?

— Eu não te *sequestrei*. — O monstro revira os olhos. — Você desmaiou em frente ao seu carro. Se eu tivesse te deixado lá, teria morrido congelada. Eu te *salvei*. — Ele acrescenta: — *De nada*.

Bom, até que isso faz sentido. Agora que você parou para pensar, não se lembra de ter sido atacada ou nocauteada pelo abominável homem das neves. Só se lembra de ter ficado apavorada, então viu tudo preto.

— Espera — você diz. — E aquele homem amarrado ali? Não vai me dizer que você não ia machucá-lo!

O olhar do monstro endurece.

— Realmente.

Arrá! Você sabia que um ser tão assustador tinha que ser perigoso.

— A verdade — continua a criatura — é que, logo depois que eu te trouxe para cá, encontrei esse homem entrando de fininho na caverna. Eu o segui e vi quando estava prestes a acertar sua cabeça com uma pedra enorme. Eu o amarrei para impedir que te matasse.

Será que isso é verdade? Você olha para trás e vê o homem amarrado e amordaçado no chão, grunhindo e tentando se soltar das amarras. A verdade é que você teve um mau pressentimento sobre ele desde o começo. Foi por isso que decidiu não o soltar.

O abominável homem das neves pode ter salvado sua vida. E você não sabe bem o que pensar sobre isso.

Vá para o Capítulo 25

CAPÍTULO 25

O fogo está se apagando, então o abominável homem das neves se aproxima e joga mais lenha na fogueira. As toras de madeira são mais grossas que suas pernas, mas ele as ergue com facilidade, quase sem esforço. Se quisesse machucar você, não haveria como impedir, mas já está claro que esse nunca foi o objetivo dele.

— Obrigada — você solta, sem pensar.

O monstro olha para trás, na sua direção.

— Como eu disse, de nada.

Você cerra os punhos.

— E agora?

— Agora… — Ele remexe o fogo com um galho comprido, fazendo as chamas ganharem força. — Está um breu lá fora, é melhor passar a noite na caverna. Você vai ficar bem aqui até amanhecer. Pode dormir na minha cama.

Ele indica a pilha de folhas no canto. Não é exatamente um lençol de seda de mil e quinhentos fios, mas talvez seja mais confortável do que seu colchão fino em casa.

— Quando o sol nascer, posso te ajudar a desatolar o carro — diz ele. — E então você pode ir para casa.

— Obrigada.

Ele assente com a cabeça.

— Aliás, meu nome é Robert.

— Robert?

Ele dá as costas para a fogueira e a encara.

— Qual é o problema com o nome Robert?

— Nenhum — você responde, depressa. — Eu só esperava um nome mais… estranho. Tipo, sei lá… Behemot, ou Coração de Trovão, ou… Chupa-cabra.

— O Chupa-cabra sugava o sangue de cabras — diz ele.

Você não sabia disso. Além do mais, por que ele falou como se fosse um velho amigo do Chupa-cabra? Será que eles saíam por aí sugando sangue juntos?

— Enfim — continua Robert —, sinto muito por meu nome não ser mais empolgante.

— Não tem problema. — Você se encolhe no chão, dobrando as pernas sob o corpo. — Por falar nisso, eu me chamo Sloan.

— É um prazer te conhecer, Sloan.

— O prazer é meu, Robert.

Por um momento, vocês ficam ali sentados, em um silêncio amigável. Todos os sons da caverna parecem ecoar ao seu redor. Você se pergunta como deve ser morar ali.

— Você… — Você analisa a caverna em busca de sinais de criaturas semelhantes, mas são só vocês dois e aquele homem que queria carona. — Você mora aqui sozinho?

— Moro — responde ele, apesar de sua voz soar um pouco hesitante.

Você arqueia as sobrancelhas.

— Você sempre morou sozinho?

— Nem sempre — responde ele. — Eu morava aqui com a minha esposa, Nicole, mas ela… desapareceu há alguns anos. — A voz rouca dele falha por um momento. — Encontrei as pegadas dela na neve, mas os rastros desapareceram depois de um tempo. Procurei por Peyton's Peak inteira. Passei um ano rastreando o cheiro dela. Mas nunca a encontrei.

— Eu… Eu sinto muito.

Ele encara as próprias mãos.

— Alguém deve ter pegado ela. Não sei quem foi, mas torço para que um dia essa pessoa pague por isso.

— Tenho certeza de que vai pagar — você diz, apesar de não ter certeza de nada.

Os lábios dele se curvam para baixo, mas então ele balança a cabeça como se tentasse desanuviar os pensamentos.

— Está com fome?

Você hesita. Na verdade, está faminta porque não jantou antes de pegar a estrada, mas não faz ideia de que tipo de comida o monstro

lhe ofereceria. E se ele resolver assar aquele homem? Por outro lado, você não deveria se sentir tão culpada assim com a ideia, levando em consideração que ele aparentemente tentou matá-la.

De toda forma, você não vai aguentar passar a noite toda sem comer, vai?

Para aceitar a comida do abominável homem das neves,
vá para o Capítulo 29

Para recusar a oferta dele de comida,
vá para o Capítulo 26

CAPÍTULO 26

Você não sabe o que abomináveis homens da neve comem, e não quer descobrir. É melhor passar fome do que beber sangue de cabra.

— Não, obrigada — você responde.

— Tem certeza? — pergunta ele. — Acho que ouvi seu estômago roncando mais cedo.

Ele tem razão, mas você não vai admitir isso. De toda forma, dá para ficar um dia sem comer. As pessoas não precisam comer todo santo dia.

O homem das neves prepara comida só para ele. A verdade é que o jantar nem tem uma cara tão ruim assim. Ele parece estar comendo algum tipo de cereal. Mas você está decidida.

Depois de um tempinho, você se deita na cama de folhas no canto. Infelizmente, sua força de vontade não é tão grande, porque você acorda no meio da madrugada com a sensação de que seu estômago está se corroendo.

Você nunca sentiu tanta fome na vida.

Você se levanta da cama, com as pernas bambas. Robert está dormindo ao lado da fogueira, roncando mais alto que uma serra elétrica. Não parece perceber nenhuma movimentação ao redor.

Já o homem não dorme tão pesado assim. Ele acorda e solta grunhidos desesperados, abafados pela mordaça, mas você ignora suas tentativas de chamar atenção. Então repara na bolsa ao lado dele, que ele carregava na estrada. Você se pergunta se há comida ali dentro.

Você olha para a bolsa, sua barriga roncando alto. Não é certo mexer nas coisas dos outros, mas ele está amarrado. Parece que o pior já aconteceu com esse cara. De toda forma, você não tem culpa por ele estar aqui. Foi Robert quem o capturou e o amarrou. Você só está com fome.

Para abrir a bolsa,
vá para o Capítulo 27

Para procurar comida em outro lugar,
vá para o Capítulo 28

CAPÍTULO 27

A bolsa é sua melhor chance de encontrar comida. E, assim, você não está roubando os pertences daquele homem. Você só está atrás de um pacote de batata chips ou uns pedaços de carne-seca.

Seu estômago dói de tanto roncar, então você abre o zíper. A primeira coisa que encontra é um monte de roupas. Até que faz sentido. Revira mais um pouco a bolsa e vai tirando tudo que tem ali dentro. Um kit de costura. Um rolo de fita adesiva. Uma fotografia.

Você ergue a foto e, para sua surpresa, é a imagem de uma girafa. Mais esquisito ainda, ele riscou a girafa com canetinha preta. É difícil saber como interpretar isso, mas não é comida, então coloca a foto de volta no lugar.

A próxima coisa que encontra é uma caixa de madeira fechada. Quando o homem percebe que você pegou a caixa, começa a se debater, desesperado. Você o ignora e abre a trava, se perguntando se a caixa contém algo valioso, como joias ou dinheiro.

Mas não há joias nem dinheiro. Só… um monte de pó.

Por um instante, você pensa que o pó pode ser uma mistura de achocolatado ou algo parecido. Mas então prova um pouquinho e… Não, com certeza é só poeira. Você joga tudo no chão, e o homem geme, como se tivesse levado um soco no rosto. Esse cara precisa relaxar um pouco. Tem problemas muito maiores do que uma caixa suja sendo limpa. Você fez um favor para ele.

Finalmente, você tira a sorte grande. Há um saquinho de mirtilos no fundo da bolsa. Não restam muitos, mas são o suficiente. Você só precisa de o bastante para acalmar o estômago vazio.

Você come os mirtilos na mesma hora e guarda de novo o saquinho na bolsa. Então fecha o zíper e se levanta para tentar voltar a dormir, agora que não está tão desesperada de fome.

Por um breve momento, você se sente melhor e quase pega no sono. Mas então, de repente, está, mais uma vez, completamente desperta.

Sua boca está seca e, quando você tenta engolir, não consegue.

Você se senta na cama de folhas e descobre que seu coração está disparado e seu corpo, coberto por uma camada de suor. Tenta se levantar, mas uma pontada aguda na barriga tira seu fôlego. Fica muito enjoada e tenta sair da cama, mas suas pernas não cooperam, então você apenas vira a cabeça para o lado e vomita ali mesmo.

Você está muito tonta. Será que é pela falta de comida? Mas não faz nem vinte e quatro horas que fez sua última refeição. Além disso, você comeu aquelas frutinhas.

Espere aí.

As frutinhas…

Elas pareciam mirtilos, mas não tinham exatamente gosto de mirtilo. Eram meio doces, mas também meio amargas, meio que como um tomate, o que era bem esquisito. Só que você estava com tanta fome — nem pensou duas vezes. Afinal, por que aquele homem carregaria frutas venenosas na bolsa?

Outra onda de náusea domina seu corpo, e você vomita de novo. Quando ergue o olhar, nota que o homem a observa com um leve sorriso nos lábios. Ele continua olhando enquanto seu coração bate em um ritmo louco, sua pressão despenca, e, finalmente, você desaba e morre de choque cardiogênico.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 28

Você está faminta, mas não vai se rebaixar e revirar a bolsa de um desconhecido em busca de comida. Deve haver algo para comer em algum outro lugar.

Pega um galho do chão e acende a ponta dele nas brasas da fogueira quase apagada. Isso lhe dará luz suficiente para explorar a caverna.

Você passa a hora seguinte perambulando, em busca de algo para comer — está ficando mais e mais faminta. Não podia esperar grande coisa de uma caverna escura em pleno inverno, mas ainda assim achava que encontraria algo comestível em *algum* lugar.

Quando já estava prestes a desistir e voltar a dormir, você nota algo no chão. Parecem…

Cogumelos.

Você já ouviu falar que alguns cogumelos são venenosos, mas não parece ser o caso desses. Têm aparência normal, tipo champignon. E, a essa altura, você está com muita fome para se importar. E daí se bater uma alucinaçãozinha? Talvez seja divertido.

Você arranca alguns cogumelos do chão e come. O gosto não é nada de mais, parece cogumelo normal. Satisfeita, volta para a cama e tenta dormir de novo, agora que seu estômago não está mais vazio.

Por um tempinho, você se sente melhor e quase pega no sono, mas então, de repente, volta a ficar completamente desperta. Só que, de alguma forma, você não está mais na caverna. Durante o sono, você foi parar em uma espécie de mundo encantado, cheio de cascatas de leite achocolatado e árvores de algodão-doce. Você se senta na cama, que é feita de marshmallows!

Dançando pelo mundo encantado, você tira as roupas para apreciar a brisa tropical deliciosa. Isso aqui é mesmo um paraíso! Até encontra o carro de Blair, que agora é feito de *fudge* — você pega um pedaço e enfia na boca.

Mas, obviamente, a melhor parte é a cascata de chocolate, e seria um absurdo ir embora sem pular nela antes. Você para no precipício, olhando para a espuma do chocolate quentinho lá embaixo. É tão tentador. Não vê a hora de pular.

— Sloan! Sloan, o que você está fazendo? Você vai cair lá embaixo!

Ao longe, você ouve o abominável homem das neves gritando alguma coisa, mas não consegue entender o que é. Não faz diferença, de toda forma — ele só vai estragar seu barato. Você se joga no precipício, e suas pernas balançam no ar. E então começa a cair…

Cair…

Cair…

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 29

Você fica apreensiva com o tipo de comida que o abominável homem das neves tem a oferecer, mas, a essa altura, está tão faminta que não se importa.

— Não se preocupe — diz o homem das neves, como se pudesse ler seus pensamentos. — Não vou fazer você comer nada esquisito.

— Que tipo de coisa você come por aqui?

— Ah, no geral, cereais.

Robert prepara duas tigelas de cereal, e vocês se sentam juntos no chão frio, comendo o jantar. Você usa uma colher, mas o monstro prefere comer com as mãos. Mesmo assim, ele é surpreendentemente gracioso. Suas mãos são grandes e masculinas, mas há algo inesperadamente delicado nelas, como as mãos de um pianista.

— Você não fica entediado aqui? — você pergunta.

— Não muito — responde ele. — Gosto de jogar hóquei, então isso ocupa parte do tempo.

Ah, ele é jogador de hóquei. Jogadores de hóquei são *tão* gostosos.

Você pisca, surpresa com os próprios pensamentos. Por que está achando o abominável homem das neves gostoso? Não faz nem duas horas que você estava apavorada. Achou que ele fosse te devorar. E agora…

Robert olha para você. Algo nos olhos dele faz com que você se pergunte se estão pensando a mesma coisa.

— A verdade — diz ele — é que o tédio não é problema, mas me sinto muito sozinho aqui.

— Entendi — você murmura.

— E — acrescenta ele — está sendo bom ter sua companhia hoje, Sloan.

— Também acho bom ter sua companhia — você diz, surpresa ao perceber que não é da boca para fora. — *Muito* bom.

Robert se espreguiça, revelando os músculos firmes em seu peito. Embaixo dos pelos brancos, o corpo dele é todo musculoso. Ele é a personificação da pura masculinidade, na forma de um abominável homem das neves.

Seus olhares se encontram, cada um de um lado da fogueira. O desejo nos olhos dele é inegável — silenciosamente, ele está mostrando que, se você quiser, ele está dentro. Mas você quer?

Afinal, faz um ano e sete meses que você está solteira. E o abominável homem das neves passa a impressão de que saberia muito bem o que fazer na cama. Mas, ao mesmo tempo, ele não está pressionando você a fazer nada. A decisão está nas suas mãos.

Para se acasalar com o abominável homem das neves,
vá para o Capítulo 30

Para recusar educadamente,
vá para o Capítulo 31

CAPÍTULO 30

Não dá para resistir a um abominável homem das neves sexy e que joga hóquei. Ao longo das muitas horas seguintes, você faz amor com ele ao lado da fogueira, então cai no sono aninhada em seus braços quentes e peludos.

Na manhã seguinte, você acorda se sentindo rejuvenescida e feliz pela primeira vez em muito tempo. Robert deve ter se levantado com cuidado enquanto você dormia, e agora está assando algo na fogueira. Quando ele vê que você acordou, abre um sorriso mostrando todas as presas.

— Bom dia, dorminhoca — diz ele.

Você sorri também.

— A noite foi boa. *Muito* boa.

— Foi mesmo, não foi? — Ele estende o braço para pegar sua mão, e você deixa que ele a segure. — Eu me sentia muito sozinho aqui desde que a Nicole sumiu. Mas você fez eu me sentir completo de novo. — Ele aperta sua mão. — Espero que fique pelo menos mais um tempinho aqui.

Você pensa no jantar que perdeu na noite anterior e no dinheiro que deixou de ganhar para pagar o aluguel. Você não tem para onde ir, e, mesmo se tivesse, não haveria lugar melhor do que ali, ao lado dele.

— Vou ficar — você diz.

Um aroma delicioso preenche a caverna. Seja lá o que Robert estiver cozinhando na fogueira tem um cheiro muito bom — diferente de tudo que você já sentiu antes. Sua boca começa a aguar.

— O que você está preparando? — você pergunta.

O abominável homem das neves vira a cabeça para o ponto onde aquele homem estava deitado na noite anterior. Agora, tudo o que resta é uma pilha de roupas e a bolsa dele.

— Eu não como *só* cereais — explica Robert.

De café da manhã, você devora ovos mexidos acompanhados de uma porção de bacon de homem. Está delicioso.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 31

Por mais atraente que o abominável homem das neves seja, você precisa recusar. Afinal, ele não é humano. Além disso, você tem uma vida no mundo real e precisa voltar para ela.

Você passa o restante da noite na caverna. Pela manhã, o homem que pediu carona havia sumido — talvez Robert tenha decidido soltá-lo. Ele prepara um café da manhã delicioso: ovos mexidos com bacon. É o melhor bacon que você já comeu na vida, mas então encontra um pedacinho de jeans misturado na comida. Acha melhor não comentar.

Robert ajuda você a voltar para casa, e você devolve o carro de Blair. Infelizmente, como não conseguiu trabalhar no jantar, precisa encontrar outra forma de ganhar dinheiro.

Em um surto de inspiração, você escreve o primeiro capítulo de um livro. Quando o mostra para Blair, ela fica tão impressionada que concorda em deixar você ficar no quarto sem pagar aluguel até conseguir publicá-lo.

Um ano depois, seu livro O *taco do abominável homem das neves* estreou em primeiro lugar na lista de mais vendidos do *New York Times*, onde permanece pelos dois anos seguintes. O filme estreia na semana que vem.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 32

Você decide virar à direita na bifurcação da estrada. A ideia de curvas acentuadas é meio assustadora, mas você não sabe se o carro aguenta a neve. É mais seguro seguir pelo caminho limpo, mesmo que seja sinuoso. Você vai devagar.

Como prometido, a estrada é bem estreita e escura. Mesmo com o farol alto, você morre de medo de sair da pista e despencar lá embaixo. Você precisa de dinheiro, mas ter aceitado esse trabalho está começando a parecer uma péssima ideia. Você deveria ter ficado em casa lendo um livro ou algo do tipo.

Depois de mais meia hora dirigindo, suas mãos apertando o volante com tanta força que seus dedos já estão brancos, você chega a um imponente portão de ferro que tem um brasão com um grande W. Então verifica as instruções de Avery — sim, é aqui.

O céu está nublado, apenas parcialmente iluminado pela lua cheia. Você deixa os faróis ligados enquanto se aproxima do portão, até parar bem na frente. Ele não abre automaticamente, mas você nota um interfone à direita. Deixa o carro em ponto morto, com o motor ligado, e vai até lá.

O interfone é um pequeno aparelho de metal com um alto-falante e um único botão. Você o aperta, e o chiado de estática que sai dele é tão alto que faz você dar um passo para trás. Não é um começo muito promissor.

— Oi? — você diz no interfone. — É a Sloan… — Não sabe por que isso parece ser uma pergunta, mas parece. — Vim para trabalhar no jantar?

Nenhuma resposta. Só mais um chiado alto de estática. Você tenta empurrar o portão, mas ele não se move.

Mas então, após alguns segundos, o portão de ferro começa a abrir. Ele se move em câmara lenta, as dobradiças rangendo em protesto.

Tem algo muito esquisito nesse lugar. Sim, você passou duas horas dirigindo para chegar até aqui, mas está começando a achar que esse trabalho não é tão simples quanto parece. E talvez seja melhor ir embora enquanto ainda pode.

Você sabe que, se resolver atravessar o portão, terá que arcar com as consequências. Esta é sua última chance de voltar atrás.

Para dar meia-volta e retornar para casa,
vá para o Capítulo 6

Para atravessar o portão,
vá para o Capítulo 33

CAPÍTULO 33

Você passou duas horas dirigindo para chegar àquele lugar, então seria ridículo ir embora agora. Além do mais, precisa do dinheiro. Voltar para casa não é uma opção.

Você entra no carro de novo e passa pelo portão de ferro.

Ele se fecha com um estrondo metálico perturbador assim que você entra. Já deu para perceber que você não vai a lugar nenhum pelo restante da noite. O portão está trancado.

O caminho que leva até a casa é longo e sinuoso, mas o lado bom é que não existe mais o risco de despencar num penhasco. Você segue em frente até chegar à mansão. À direita da casa, há uma área pavimentada com vários carros estacionados — parece que o jantar será movimentado. Você estaciona ali.

Quando sai para o ar gelado da noite, estremece com a lufada de vento que penetra seu casaco. Abraçando o próprio corpo, você se apressa até a porta da casa e aperta a campainha, que toca tão alto que você dá um pulo para trás, assustada.

Um segundo depois, a porta se abre.

Você dá de cara com um homem. Ele está de camisa social e gravata brancas e de paletó e calça pretos. Deve ter mais ou menos a sua idade, talvez uns 20 e poucos anos, e é absurdamente bonito. Seu cabelo espesso é tão louro que quase chega a ser branco, seus olhos são de um cinza-claro, há uma leve covinha em seu queixo, e ele tem um rosto de tirar o fôlego. Você passaria a noite toda olhando para esse homem. (E a manhã também…)

Opa. É para *ele* que você vai trabalhar hoje? Avery devia ter falado isso antes de qualquer coisa. *Inclusive, Sloan, seu chefe é um gato.*

— Olá — diz o homem com uma voz grave que, acredite, é ainda mais bonita que ele.

— Oi — você responde, com uma voz aguda que não tem nada de bonita. — Eu sou a Sloan.

— Eu me chamo Carson — diz o homem. — Sou o mordomo da família Wentworth. Você não quer entrar?

Ah, ele é o *mordomo*. Faz mais sentido. E, pensando bem, é até melhor. Ninguém que de fato *mora* nesta casa ficaria com alguém da sua laia. Mas você pode ter chance com o mordomo.

Não que você devesse estar pensando nesse tipo de coisa. Você está aqui para trabalhar, ganhar o dinheiro do aluguel e cair fora.

Mas, se tiver um tempinho livre e Carson quiser pegar você, não seria má ideia.

Carson guia o caminho pela casa. Dá para ouvir a voz de Avery vindo de outro cômodo, ficando mais alta a cada segundo. Ela deve aparecer a qualquer instante.

— Escuta. — Carson segura seu braço; sua voz soa urgente, então ele olha em volta. Por um segundo, você acha que ele vai beijá-la, mas, em vez disso, ele se inclina e sussurra no seu ouvido: — *Você está correndo perigo.*

Vá para o Capítulo 34

CAPÍTULO 34

Você está correndo perigo.

As palavras de Carson ecoam em seus ouvidos quando Avery vem correndo, de vestido preto e avental branco que combinam com o uniforme do mordomo, o cabelo ruivo preso. Ela te abraça como se não se vissem há anos.

— Sloan! — exclama ela. — Estou *tão* feliz que você conseguiu! Não sei o que eu faria se você não viesse!

Que exagero. A equipe simplesmente teria que se virar com uma única pessoa para servir o jantar. O evento aconteceria com ou sem você. Às vezes Avery é *tão* dramática.

— O caminho foi complicado — você diz —, mas cheguei.

Avery entrelaça o braço ao seu.

— Vou te apresentar aos anfitriões e a alguns dos convidados. Eles vão adorar conhecer você.

Vão? Pela sua experiência, a maioria das pessoas não faz questão de conhecer quem está servindo em uma festa, mas gente rica às vezes é meio excêntrica.

Carson continua parado ali, a postura perfeita, o rosto totalmente inexpressivo. *Você está correndo perigo.* Será que ele disse isso mesmo? Parece até que foi tudo obra da sua imaginação. Você com certeza não se sente em perigo. É só um jantar para um bando de ricaços — o que há de perigoso nisso?

— Que tipo de festa é essa, aliás? — você pergunta, enquanto Avery a arrasta até outra sala.

— É um clube de jantares — explica ela. — O grupo se chama Clube dos Comensais Aventureiros. Parece que eles comem vários tipos de animais exóticos.

— Animais exóticos? Tipo o quê?

— Ah, você sabe. — Ela dá de ombros. — Avestruz, essas coisas.

Avery leva você até uma sala onde cerca de uma dúzia de pessoas toma vinho e bate papo. O ambiente exala uma riqueza de família tradicional, desde os ternos caros aos vestidos de grife, às joias e aos relógios Rolex. Todos os homens têm cabelo grisalho ou branco, e as mulheres parecem ter feito Botox. Mas o grupo parece mesmo genuinamente feliz ao vê-la entrar na sala.

— Olá! — O cumprimento animado vem de um homem grisalho que usa um terno cinza elegante que contrasta com seu sorriso gentil. — Essa deve ser a Sloan, que vai servir nosso jantar.

— A própria — responde Avery por você.

O homem parece satisfeito com a resposta.

— É um prazer te conhecer, Sloan. Eu me chamo Davenport Wentworth e sou o anfitrião.

— O prazer é meu, Sr. Wentworth — você responde, educada.

O Sr. Wentworth pega sua mão estendida, mas, em vez de apertá-la, leva-a aos lábios e a beija. Só que não é bem um beijo — não exatamente. Talvez seja sua imaginação, mas parece que ele meio que *lambe* você. Só que isso seria ridículo.

Ele faz questão de apresentá-la a todos os convidados no salão, dizendo seus nomes um por um, apesar de você imediatamente esquecer todos. Tomara que não precise se lembrar deles depois.

— Sloan — diz o Sr. Wentworth ao apresentá-la a um homem alto e desengonçado, com óculos grandes empoleirados no nariz. — Esse é meu querido amigo, Heinrich van Houten.

— Ah, Sloan — diz ele com um sotaque pesado do Leste Europeu, segurando sua mão entre as dele. — Não vejo a hora de você ser servida.

O Sr. Wentworth lança um olhar para ele.

— Sloan, peço desculpas pelo Heinrich, ele às vezes se enrola. Ele quis dizer que não vê a hora *de você nos servir*. Isto é, servir nosso jantar. Estamos famintos!

— Ah, sim, é claro — corrige-se Heinrich. — *De você nos servir.* Me confundi.

Tudo bem, então…

— A comida está quase pronta? — você pergunta.

— A comida está… sendo preparada — responde o Sr. Wentworth. — O chef prefere finalizar o prato só quando estivermos prontos para comer. Ele prefere que tudo esteja… fresco.

— O senhor quer que eu vista um uniforme?

— Não, não. — O Sr. Wentworth sorri para você. — Não vai ser necessário.

— Ótimo — você responde, aliviada por poder continuar com as próprias roupas. — E onde fica a cozinha?

— Ah, claro. Mas primeiro… — Ele enfia a mão no bolso do paletó e saca uma câmera. — Preciso tirar sua foto para o crachá.

Crachá? Isso parece meio exagerado para um trabalho de uma noite só. Você se sente desconfortável com a ideia, ainda mais depois do alerta estranho de Carson.

Mas, por outro lado, não vê problema nenhum em tirar uma foto.

Se concordar em tirar a foto,
vá para o Capítulo 35

Se você se recusar a tirar a foto,
vá para o Capítulo 36

CAPÍTULO 35

Você se sente desconfortável por precisar tirar uma foto, mas, por outro lado, gente rica costuma ser excêntrica mesmo, né? Que diferença faz?

— Tudo bem — você concorda.

— Excelente. — O Sr. Wentworth gesticula para o outro lado da sala. — Pode ficar na frente daquela parede ali?

Obedientemente, você se posiciona diante de uma parede branca. O Sr. Wentworth posiciona a câmera enquanto todo mundo observa com interesse, especialmente Heinrich.

— Muito bem — diz o Sr. Wentworth —, mas você está um pouco baixa. Se incomodaria de subir naquele degrau para ficar mais alta?

Você olha para onde ele aponta. Leva um instante para entender onde ele quer que você suba.

— É uma balança! — você protesta.

— É? — responde ele, em um tom distraído. — Bom, não faz diferença. É só subir rapidinho nela para ficar um pouco mais alta e eu conseguir tirar a foto.

A situação é bizarra, mas você não vai desistir depois de dirigir por duas horas para chegar até ali. Então sobe na balança, torcendo para aquela esquisitice acabar logo.

— Ela pesa cinquenta e seis quilos e meio! — anuncia Heinrich.

— *Como é que é?* — você protesta, mas então o Sr. Wentworth tira a foto, e você é liberada.

O Sr. Wentworth olha para o visor digital da câmera, sorrindo satisfeito.

— Que foto ótima. Já vamos revelar.

— Hum, legal — você responde.

— Agora — diz ele —, vou te mostrar nossa sala de jantar.

Vá para o Capítulo 37

CAPÍTULO 36

— Desculpa — você diz. — Não me sinto confortável em tirar foto para um crachá. Espero que o senhor entenda.

— Que pena — diz o Sr. Wentworth. — Nós sempre tiramos fotos.

— Mas vou passar só uma noite aqui. Por que preciso de um crachá?

— Sloan. — Avery belisca seu braço. — Para de drama. Só tira a foto.

A essa altura, parece que você fez um escarcéu por nada, e seria melhor ceder. Mas você já decidiu que não vai deixar tirarem uma foto sua e quer se manter firme.

— Não tem problema — diz Heinrich van Houten baixinho para o Sr. Wentworth. — Tem um monte de fotos dela nas redes sociais.

Bem, isso é verdade. Mas o que isso tem a ver com o crachá?

— Tudo bem — suspira o Sr. Wentworth. — Fico decepcionado, mas, se você não quer tirar uma foto, não vamos te obrigar.

— Obrigada. Eu agradeço.

— Agora — diz ele —, vou te mostrar nossa sala de jantar.

Vá para o Capítulo 37

CAPÍTULO 37

O Sr. Wentworth guia o caminho por um longo corredor até vocês chegarem ao que acaba sendo a maior sala de jantar que você já viu. Parece algo saído da Era Dourada, com uma mesa e cadeiras antigas, e um grande lustre pendendo do teto.

— Aqui é onde jantaremos hoje — diz ele.

É impossível não notar as fotografias emolduradas nas paredes. Você demora um pouco para entender que são todas dos mais variados animais. No geral, são animais que você nunca viu antes. Você não consegue identificar sequer um deles.

— Esses são alguns dos animais que já degustamos no Clube dos Comensais Aventureiros — explica o Sr. Wentworth, orgulhoso. — Nós sempre tiramos uma foto deles antes do sacrifício para expor depois.

— Entendi…

— Essa é uma geneta-malhada. — O Sr. Wentworth aponta para a imagem de algo que parece uma mistura de guaxinim com leopardo. — E aqui temos o jacaré-anão. — Ele abre um sorriso carinhoso. — Esse safadinho levou uma vida no forno até ficar macio o suficiente para comermos.

Seu olhar encontra a foto de uma criatura que lembra um primata, mas de pelos brancos. Você nunca viu nada parecido.

— O que é isso?

— Fico feliz por você ter perguntado, Sloan. — Ele praticamente irradia entusiasmo. — Esse é um abominável homem das neves.

— Um… Abominável homem das neves?

— Isso mesmo.

Pelo visto, eles servem animais imaginários nesses jantares.

— O abominável homem das neves não existe.

— Ah, existe, sim — garante o Sr. Wentworth. — Essa era uma fêmea, e ela deu a vida lutando. Mas, no fim, conseguimos capturá-la.

E ela era deliciosa.

Você não sabe bem o que responder, então pergunta:

— Qual é o prato de hoje?

— Ah — diz ele —, isso é surpresa.

Surpresa? Bem, seja lá o que for, talvez você possa provar um pouquinho. É bem provável que essa seja sua única oportunidade de provar dragão, Godzilla ou sabe-se lá que diabos esteja sendo preparado na cozinha. Apesar de você amar animais e detestar a ideia de vê-los presos em gaiolas, também respeita a cadeia alimentar e não é vegetariana.

— Agora… — Ele esfrega as mãos, animado. — Ainda temos um tempinho antes do jantar. Quer fazer um tour pela casa? Ou prefere ir direto para a cozinha?

Para fazer um tour pela casa,
vá para o Capítulo 38

Para ir direto para a cozinha,
vá para o Capítulo 46

CAPÍTULO 38

Não faz sentido ficar sentada na cozinha à toa, então você decide fazer o tour. Você nunca esteve em uma mansão como essa antes e imagina que os outros cômodos sejam bem legais.

— Obrigada — você responde. — Eu adoraria fazer um tour.

— Magnífico! — exclama o Sr. Wentworth. — Andar um pouquinho vai abrir meu apetite para nosso esplêndido banquete mais tarde.

Você acompanha o Sr. Wentworth por uma escadaria ampla, com um corrimão mais largo que suas coxas. Por um instante, tem a sensação de que alguém a observa e, quando você se vira, nota Carson parado ao pé da escada. Ele acompanha cada passo seu com o olhar, com uma ruga profunda entre as sobrancelhas claras.

Você está correndo perigo.

Seu pescoço formiga diante da lembrança da sensação do hálito quente dele sussurrando no seu ouvido. Ele parecia muito preocupado, mas você ainda não entende o porquê. O Sr. Wentworth parece excêntrico, sem dúvida, mas não passa a impressão de ser nem um pouco perigoso.

Talvez tenha sido só uma cantada. Tipo levar uma garota para assistir a um filme de terror.

A subida pela escada parece interminável, e você está sem fôlego quando chega ao topo. O Sr. Wentworth, por outro lado, não está nem um pouco cansado. Ele é pelo menos quarenta anos mais velho que você, mas parece ter energia de sobra. Sem fazer uma pausa, ele a conduz até uma porta fechada no fim do corredor. Ele para com a mão na maçaneta.

— Aqui — diz ele, de forma dramática — é o nosso cinema!

Ele escancara a porta. Você não sabia bem o que esperar — talvez uma tela grande com fileiras de poltronas, uma pipoqueira. Em vez

disso, há apenas uma câmera de vídeo em um tripé, apontada para uma cama de solteiro com um lençol manchado.

— Hum, que legal — você comenta.

— Usamos *demais* esse espaço — garante ele. — Principalmente no domingo do Super Bowl.

— Imagino…

A parada seguinte do tour é um cômodo que ele chama de "biblioteca". Mais uma vez, você esperava fileiras de estantes, mas, em vez disso, há apenas uma única pilha de livros que vai até o teto, e que parece prestes a desabar.

— Essa é a biblioteca? — você questiona, incrédula.

— Linda, né?

— Hum. — Você analisa a pilha de livros. — Quando o senhor quer ler, como tira o livro da pilha?

— Exatamente! — exclama ele, como se isso respondesse à sua pergunta.

Ele fecha a porta da biblioteca, e vocês dois seguem para a porta seguinte.

— Aqui — diz ele, com a voz vibrando de empolgação — fica nossa piscina olímpica.

Ele abre a porta e, apesar de o espaço com certeza ser grande o suficiente para abrigar uma piscina olímpica, a única água que há ali é a de uma pequena poça no meio do cômodo. Mas o Sr. Wentworth parece tão orgulhoso que você se vê obrigada a dizer:

— Uau.

— Ah — comenta ele —, se você ficou impressionada agora, espera só até ver o último andar.

Ele segue até o fim do corredor, onde há outra escada, bem mais estreita. A iluminação é mais fraca ali, e você começa a se sentir um pouco claustrofóbica. Tem suas dúvidas sobre subir até o último andar. Mais uma vez, as palavras de Carson ecoam em sua cabeça.

Você está correndo perigo.

Talvez seja melhor encerrar o tour por aqui. O Sr. Wentworth vai entender.

Para pedir para ir à cozinha,
vá para o Capítulo 39

Para seguir até o último andar,
vá para o Capítulo 40

CAPÍTULO 39

— Sr. Wentworth — você diz. — Acho que seria melhor encerrarmos o tour por aqui.

Ele franze a testa, o olhar endurecendo.

— Por quê? Você não está se divertindo? Quase ninguém tem a oportunidade de conhecer a propriedade. Esse é um privilégio para poucos.

— Sim — você reconhece —, mas estou aqui para trabalhar, e me sentiria mais à vontade se conhecesse a cozinha primeiro.

O Sr. Wentworth fica em silêncio por um minuto e fecha a cara. Você sente um frio na barriga, e teme tê-lo irritado. Mas, então, a expressão dele se ilumina.

— Sua ética profissional é admirável, Sloan — diz ele. — Venha. Vamos para a cozinha.

Vá para o Capítulo 46

CAPÍTULO 40

Apesar de sua intuição te dizer que é um erro, você segue o Sr. Wentworth até o último andar. Esta escada é tão longa quanto a primeira, e você cogita pedir para voltar para a cozinha umas cinco vezes enquanto sobem. Mas, a essa altura, já é tarde demais. Sua decisão já foi tomada.

Quando finalmente chega ao topo da escada, há duas portas fechadas. O Sr. Wentworth a conduz até a primeira.

— Aqui — diz o Sr. Wentworth, com a mão na maçaneta — é nosso quarto de hóspedes premium.

Ele escancara a porta como se estivesse exibindo um salão de banquete. Mas, para sua surpresa, as únicas coisas que vê lá dentro são uma pequena cama dobrável coberta de manchas vermelho-escuras, um frigobar e um balde.

— Hum, o senhor recebe muitos hóspedes? — você pergunta.

— Ah, muitos — responde ele. — Todo mundo diz que ficar aqui é quase como se hospedar em um pequeno spa.

Você acha que nada ali remete a um spa, apesar de o quarto realmente ser um pouquinho melhor do que o seu em casa.

Ele fecha a porta e segue para o outro cômodo. Agora, o Sr. Wentworth está, de fato, radiante.

— Essa é minha parte favorita do tour — diz ele. — Se prepare.

Então ele abre a porta. E você precisa admitir que fica surpresa com o que encontra.

O cômodo está cheio de jaulas.

Há pelo menos meia dúzia delas, mas apenas uma abriga um animal de verdade. É um bicho parecido com um lobo, de porte pesado, com pelos brancos e presas afiadas como lâminas. Ver um animal enjaulado é doloroso demais, então você fica com o coração apertado pelo pobre lobo. Não dá nem para imaginar como deve ser terrível viver trancado em uma jaulinha no sótão de um ricaço. Além disso — verdade seja

dita —, é bem provável que o Sr. Wentworth acabe jantando a criatura.

— Essa — informa o Sr. Wentworth — é uma loba-terrível. — Ele fita o animal com um olhar reverente, e talvez um pouco faminto. — Ela não é *espetacular*?

— Loba-terrível? — você repete. — Essa espécie não foi extinta?

— Ah, não — diz ele, rindo. — Minha querida, você precisa se atualizar.

O Sr. Wentworth abre a boca, como se fosse começar um sermão sobre o lobo-terrível, que você tem quase certeza de que foi extinto, mas, antes que ele possa falar, uma voz o chama da escada.

— Sr. Wentworth. — Carson se materializa no topo dos degraus com uma expressão séria. — Precisam da sua presença na cozinha com urgência. O forno está com algum problema.

— Ah, puxa. — O Sr. Wentworth balança a cabeça, nervoso. — Já estou indo.

Carson espera o Sr. Wentworth começar a descer, então o segue. Mas, antes de desaparecer, lança um último olhar para você por cima do ombro. O alerta em seus olhos cinzentos é inconfundível.

Os dois descem a escada, e você fica sozinha no sótão. Bem, você e a loba-terrível.

Pobre criatura! Parece tão triste na jaula. Nenhum animal deveria viver enjaulado. Isso é *errado*. Você sente uma dor física só de olhar.

Então você nota uma chave pendurada em um gancho na parede.

Tudo indica que a chave abre a jaula. Afinal, para que mais serviria? Se quiser, você pode soltar o animal. Ninguém a impediria.

Mas talvez não seja uma boa ideia. Afinal, ela tem dentes bem afiados. E parece estar com fome.

O que você deve fazer?

Para abrir a jaula,
vá para o Capítulo 41

Para deixar o animal carnívoro, de presas afiadas, preso,
vá para o Capítulo 42

CAPÍTULO 41

Sim, a criatura parece perigosa e faminta. Mas é um ser vivo, e você não pode deixá-la presa em uma jaula. Ficaria com a consciência pesada se fizesse isso, principalmente por ter a chance de soltá-la.

Além do mais, ela não vai te machucar. Com certeza vai entender que você só quer ajudar. Animais sentem esse tipo de coisa.

Você tira a chave do gancho. Devagar, se aproxima da jaula, empunhando a chave. Permite que ela cheire sua mão, para que se acostume com você, mas ela rosna, fazendo-a recuar para não levar uma mordida.

— Oi, amor — você diz. — Vou te soltar daí.

A loba rosna de novo, e um filete de saliva escorre de sua boca. Você não sabe bem como interpretar aquilo, nem se esforça muito.

Com as mãos ligeiramente trêmulas, você enfia a chave na fechadura. Por um instante, ela não gira, e você pensa que toda aquela tensão foi em vão, mas tenta usar um pouco mais de força e escuta um clique.

Devagar, você abre a porta da jaula. Dá um passo para trás, se preparando para que a loba dê um pulo e arranque todos os seus membros. Mas, para sua surpresa, ela não faz picadinho de você. Na verdade, ela nem se mexe.

— Anda! — você sussurra para o animal. — Você está livre. Vai embora daqui antes que te comam!

Mas ela permanece imóvel.

Loba idiota.

Bem, tudo isso foi em vão. Como dizem por aí, você pode abrir a jaula de um lobo, mas não pode obrigá-lo a sair e arrancar o pescoço de todo mundo na casa.

Você suspira, sai do cômodo e desce as escadas.

Vá para o Capítulo 42

CAPÍTULO 42

Quando você chega ao primeiro andar, Avery está à sua espera. Ela abre um sorriso que mostra todos os dentes. Você conhece Avery há muito tempo, mas nunca a viu tão feliz com a sua presença.

— O Sr. Wentworth pediu para você ir para a cozinha — diz ela. — Aconteceu um problema com o forno, mas parece que já foi resolvido.

— Tudo bem — você responde. — Pode me mostrar onde fica?

— Na verdade — diz Avery —, preciso pôr a mesa. Mas é logo ali no corredor, à esquerda. Não tem como errar.

Ela parece não ter dúvidas de sua capacidade de achar a cozinha, mas a casa é enorme. Mesmo assim, você tem certeza de que encontrará alguém para mostrar o caminho caso se perca.

— Beleza, então tá.

Avery desaparece pelo corredor que leva à sala de jantar. Você começa a seguir em direção à cozinha quando a campainha toca, ecoando pela mansão inteira.

Você fica imóvel, esperando Carson vir abrir a porta. Ele é o mordomo, então, em tese, é o responsável por isso. Mas ele não aparece.

Você não sabe o que fazer. Ninguém mencionou que abrir a porta seria uma das suas responsabilidades, e é melhor não se meter onde não deve. Mas, como você está bem ali, ouvindo a campainha tocar, é meio ridículo não atender à porta. Você não quer levar bronca por fazer um mau trabalho. E se descontarem do seu pagamento?

Por outro lado, é para isso que serve o mordomo. Você não quer se encrencar por não recepcionar um convidado de forma adequada. Argh, o que fazer?

Para atender à porta,
vá para o Capítulo 43

Para ir direto para a cozinha,
vá para o Capítulo 46

CAPÍTULO 43

Você decide que é melhor abrir a porta. É uma questão de educação, afinal. Com esse frio todo lá fora, não dá para deixar um convidado esperando.

Então você nota um pega-ladrão na porta. Isso significa que pode abrir só uma fresta e ver quem é, sem precisar abrir por completo. Pelo visto, em uma mansão como essa, todo cuidado é pouco, apesar das grades de metal que cercam o terreno parecerem dignas de uma fortaleza.

Você destranca a porta e, quando espia pela fresta, leva um susto. Parado à sua frente está o homem que estava pedindo carona na estrada. Você reconhece a barba espessa e o cabelo desgrenhado.

— Ah, graças a Deus — choraminga ele. — Faz pelo menos uma hora que estou vagando pela montanha. Está muito frio aqui. Achei que eu fosse morrer congelado!

— Que horrível — você responde.

O homem se abraça para tentar se esquentar, inquieto.

— Você pode me deixar entrar? Só um pouquinho? Não vou incomodar. Só preciso ligar para um amigo vir me buscar.

É um pedido razoável. O homem quer se proteger da noite fria, e é só o tempo de ele dar um telefonema. Mas…

— Hum — você diz. — Não sei se posso. A casa não é minha…

— Eu entendo — responde ele —, mas não estou procurando onde ficar. Só preciso usar o seu telefone. *Por favor.*

Você enfia a mão no bolso, pensando em emprestar para ele seu celular, mas então lembra que não há sinal ali. A única forma de ele fazer uma ligação é entrando e usando o telefone fixo.

— *Por favor.* — Os dentes dele batem. — Está *muito* frio aqui fora. Só preciso ligar para o meu amigo.

— Hum…

Ele arregala os olhos.

— *Por favor.* Se você não me deixar entrar, eu vou *morrer* aqui.

É óbvio que você não quer que aquele homem *morra*. Mas também não sabe se é uma boa ideia deixar um desconhecido entrar na casa. Está careca de saber: não confie em estranhos.

O que você deve fazer?

Para deixar o homem entrar,
vá para o Capítulo 44

Para mandar o homem embora,
vá para o Capítulo 45

CAPÍTULO 44

Você não pode deixar aquele homem morrer congelado lá fora. Você é um ser humano empático e precisa deixá-lo entrar para usar o telefone.

— É claro — você diz. — Só preciso soltar a trava.

— Ah, Deus te pague! — exclama o homem. — Você não vai se arrepender.

Você fecha a porta, solta a trava, então abre a porta de novo. Quando ela abre por completo, o homem dá um sorriso largo, fazendo com que você se sinta bem por ter decidido ajudá-lo.

— *Muito* obrigado — diz ele.

— De na… — você começa a dizer, mas é interrompida quando ele fecha os dedos ao redor do seu pescoço.

Ele está tentando te matar! O homem de quem você teve piedade e que deixou entrar para que não morresse congelado agora está tentando esganá-la! Meu Deus, você não acerta uma!

As mãos dele apertam ainda mais seu pescoço. Você começa a ver borrões, então tudo vai escurecendo. Ele vai matá-la. Ele vai…

Instantes antes de apagar, um som alto vem de cima da sua cabeça. De repente, a pressão no seu pescoço cede. Você desaba no chão, puxando o ar com dificuldade.

Sua visão demora um instante para voltar. Mas, quando isso acontece, você vê Avery parada à sua frente, empunhando uma pesada bandeja de metal. O homem está desmaiado no chão.

— O que foi *isso*? — pergunta Avery.

— Deixei ele entrar para usar o telefone — você responde com dificuldade. — E aí… Ele tentou… tentou me esganar.

Avery balança a cabeça.

— Sloan, você é muito ingênua. Olha só as furadas em que se mete!

Você esfrega o pescoço com uma das mãos. Amanhã vai estar cheia de hematomas.

— É melhor a gente chamar a polícia.

Avery olha para o homem desfalecido no chão. Ela esfrega o queixo, pensando.

— Vou chamar o Sr. Wentworth. A casa é dele, então devemos lidar com o problema do jeito que ele preferir.

Você não entende bem o que ela quer dizer com isso. Um homem acabou de tentar te enforcar. Parece óbvio chamar a polícia.

Mas, antes que você possa insistir, Avery vai buscar o Sr. Wentworth. Ele chega logo depois, exibindo um olhar ansioso. Ao ver o homem, seus olhos se arregalam.

— Ora, ora — diz ele —, que reviravolta curiosa.

— Temos que chamar a polícia — você insiste, teimosa.

— Claro que temos — garante ele. — E vamos fazer isso. Mas, enquanto falo com os policiais, talvez seja melhor vocês duas irem arrumando a mesa de jantar. Não faz sentido deixar que esse contratempo estrague nossa noite. O Clube dos Comensais Aventureiros se encontra há vinte anos, e nós não vamos perder nossa reunião anual por causa desse intruso.

— Faz sentido — você concorda, a contragosto.

Você segue Avery pelo corredor até a sala de jantar, onde, juntas, arrumam a mesa. Você não escuta a polícia chegar, mas, quando volta ao hall de entrada, o homem já não está mais lá.

— Avery — você diz ao se juntar a ela na cozinha. — O que aconteceu com aquele homem? A polícia veio buscá-lo?

Avery está ocupada limpando a bancada.

— Ah. Sim, vieram e o levaram preso. Ele nunca mais vai te incomodar.

— Bom, que alívio.

É só então que você percebe que a estampa do pano que Avery usa para limpar a bancada é idêntica à da camisa do homem. Que coincidência curiosa.

Após toda a confusão, a noite acaba sendo muito legal. O chef leva uma eternidade para terminar o jantar, então é quase meia-noite quando vocês servem a comida, que, seja lá o que for, faz o maior sucesso. E você é recompensada com um pagamento generoso por seu trabalho. Depois que os convidados terminam de comer, você e Avery

também ganham uma provinha, e a refeição é uma das mais deliciosas que já comeu.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 45

— Sinto muito — você diz para o homem. — Não posso deixar ninguém entrar sem permissão. Será que você não consegue usar outro telefone?

— Não tem outro telefone! — grita ele. — Eu preciso entrar! Me deixa entrar!

— Sinto muito, mas…

— Me deixa entrar! — berra ele. — Por favor! Se você não me deixar entrar, eu vou morrer! E a culpa vai ser sua!

Nossa.

Reprimindo uma onda de culpa, você fecha a porta e tranca com firmeza. Ele toca a campainha de novo, pressionando o botão, e o som não para, mas você não vai abrir. Carson é o mordomo, ele que cuide disso. Além do mais, você precisa ir para a cozinha.

Vá para o Capítulo 46

CAPÍTULO 46

A cozinha é uma das maiores que você já viu. Tem todos os eletrodomésticos modernos possíveis e imagináveis, porém o mais impressionante é o forno, que parece ocupar metade do cômodo. É tão grande que caberia um elefante lá dentro.

Você torce para que eles não tenham comido elefantes. Seria terrível. Bem pior que o abominável homem das neves.

— Esta é uma das cozinhas domésticas mais bem-equipadas do país — conta o Sr. Wentworth, orgulhoso. Ele parece animadíssimo para mostrar tudo. Parece até que você é a convidada de honra do jantar, e não que está ali para servir. — E, é claro, quero te apresentar ao nosso chef, Jacques. Ele é um dos melhores chefs do mundo!

O chef é um homem pequeno e elegante, com um dólmã e uma touca de chef brancos e impecáveis. Sua característica mais marcante é o bigodinho curvado nas pontas. Ele abre um sorriso radiante para você e, assim como fez o Sr. Wentworth, beija sua mão.

— É um prazer enorme te conhecer, Sloan.

— O prazer é meu — você responde.

— Agora, vou te mostrar os eletrodomésticos — diz o Sr. Wentworth.

Ele exibe uma geladeira smart de última geração, que tem câmera interna, Wi-Fi e aparentemente até emite alertas quando os alimentos estão prestes a estragar. A lava-louça também usa tecnologia avançada que "amacia a água". Você nem imaginava que água dura fosse um problema tão relevante.

— E este é o nosso forno de última geração. — O Sr. Wentworth para diante do forno gigantesco, que tem mais botões do que um laptop. — Ele tem um modo de convecção e de *super*convecção.

— Caramba — você comenta, apesar de não saber o que nenhuma dessas palavras significa.

— Ele também detecta automaticamente o tempo necessário para preparo — explica ele. — Se você entrasse nele, o sistema entenderia exatamente o tempo que levaria para te deixar bem suculenta e crocante.

— Hum. Que incrível.

Ele parece um pouco decepcionado com sua falta de empolgação, mas logo se recompõe.

— Agora, vou te mostrar nossos utensílios de serviço.

Você o acompanha até uma bancada com bandejas de metal, utensílios, colheres de servir e taças de vinho. Cada item reluz sob as luzes da cozinha.

— A comida será servida na bandeja — explica ele —, e você levará para a sala de jantar.

Parece bem simples.

— Sem problemas.

Você pega uma das bandejas, que é mais pesada do que parece. Deve ser caríssima e é muito bem-feita. O metal está tão limpo e polido que você consegue ver seu reflexo nele. E, quando inclina de leve a bandeja, vê o reflexo do chef às suas costas.

Hum. Que esquisito.

No reflexo, Jacques parece pairar sobre você, empunhando uma faca de açougueiro. A expressão no rosto dele é bem ameaçadora.

Seu coração dispara. O que está acontecendo? Não é possível que esse pequenino e elegante chef queira te causar mal, é?

Você aperta a bandeja com mais força. Se Jacques estiver mesmo tentando machucá-la, você tem como se defender e salvar sua vida.

Por outro lado, se você bater na cabeça do chef com a bandeja, esse emprego já era.

Para bater na cabeça de Jacques com a bandeja,
vá para o Capítulo 48

Se não acha nada disso estranho,
vá para o Capítulo 47

CAPÍTULO 47

Não existe a menor possibilidade de Jacques machucar você. Ele é um chef, não um assassino. É óbvio que só está andando pela cozinha com uma faca, como qualquer chef faria.

Você solta a bandeja e se vira.

Jacques está assustadoramente próximo — bem mais próximo do que parecia no reflexo. Deveria haver um aviso em algum lugar que dissesse: "Objetos refletidos na bandeja estão mais próximos do que parecem no reflexo." Se fosse o caso, você não ficaria tão chocada ao dar de cara com Jacques a poucos centímetros de distância, empunhando uma faca de açougueiro.

— Olá de novo, Sloan — diz ele.

Mas o que ele realmente quer dizer é "adeus", porque, no mesmo instante, desliza a lâmina da faca pela sua garganta.

Você desaba no chão, levando as mãos ao pescoço, tentando puxar o ar. Mas você sabe que não há o que fazer. Já assistiu a muitos filmes nos quais pessoas são degoladas, e ninguém sobrevive. Você vai morrer.

E as últimas palavras que escuta antes de perder a consciência são:

— Será que ela vai combinar com um bom molho *béarnaise*?

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 48

O chef estar empunhando uma faca às suas costas é algo muito suspeito. Você não sabe exatamente por que ele quer machucá-la, mas as intenções dele com a faca são bem óbvias. E você não vai deixar que ele se safe.

Você se vira de repente, erguendo a bandeja de metal. Quando Jacques percebe o que você está fazendo, arregala os olhos, surpreso, mas não tem tempo para reagir antes de a bandeja acertá-lo com tudo na cabeça. Ele tomba no chão, desmaiado. A faca de açougueiro cai da sua mão.

— Ei! — exclama o Sr. Wentworth. — O que você pensa que está fazendo?

Para seu horror, parece que ele também está tateando a bancada em busca de uma faca. Não há tempo a perder — você precisa sair dali. Não há dinheiro no mundo que valha ser degolada por um bando de psicopatas. Só Deus sabe no que eles estavam pensando.

Você sai correndo da cozinha, mas precisa passar pela sala de jantar para chegar à porta. Avery já terminou de arrumar a mesa e, apesar de tudo, você precisa admitir que o efeito é deslumbrante. A porcelana e a prataria finas brilham sob a luz do candelabro. Parece que o jantar será maravilhoso — pena que você não estará aqui para ver.

Você está pensando na melhor forma de sair dali quando nota que há uma nova foto pendurada na parede da sala de jantar. Não há tempo para admirar a decoração, mas, por algum motivo, seus olhos são atraídos para a imagem do prato principal daquela noite. Você fixa o olhar, aproximando-se para enxergar melhor. Leva um instante para que seu cérebro entenda o que está vendo.

É você.

Vá para o Capítulo 49

CAPÍTULO 49

Ai, meu Deus. *Você* era o prato principal da noite. O chef ia te matar, cozinhar e servir para esse bando de ricaços. E o forno saberia exatamente o tempo necessário para deixá-la bem suculenta e crocante.

Carson tinha razão. Você *está* correndo perigo.

Você precisa sair dali. Precisa chegar ao carro e ir para o mais longe possível desse lugar.

Então sai cambaleando da sala de jantar, sem saber exatamente aonde está indo, mas com uma certeza: precisa dar o fora desta casa — *agora*. Assim que volta ao corredor, tromba com Avery. Ah, graças a Deus.

— Avery! — Você a segura com mais força do que pretendia. — A gente precisa sair daqui! Agora!

Os olhos de Avery se arregalam.

— Por quê? O que houve?

— Essas pessoas são malucas! — você exclama. — O chef tentou me matar na cozinha! Eu acho… Vai parecer loucura, mas acho que eles queriam que eu fosse o *jantar*.

— Você, o *jantar*? — Avery arqueja. — Sloan, você tem certeza?

— Tenho! — Um soluço escapa. — Preciso sair daqui agora. Onde fica a saída?

— A saída?

— Sim, a saída! Preciso ir embora!

— Tá, tá… — Avery olha ao redor, pensativa, esfregando o queixo. — Na verdade, se você quiser mesmo ir embora sem que ninguém veja, tem uma saída secreta pelos fundos. Acho que é a forma mais segura, se você acha mesmo que está, tipo, em perigo.

— Ótimo! O que você está esperando? Vamos!

— Bom, tá. Só preciso pegar minha…

— Avery, a gente precisa ir!

— Tá bom. — Ela faz que sim com a cabeça, como se falasse consigo mesma. — Vamos.

Avery guia você por um corredor, e você a segue de perto. A companhia dela pelo menos faz com que você se sinta mais segura. E não vai demorar muito para conseguirem sair desse lugar horrível.

No caminho, vocês passam por uma espécie de sala de visitas, onde vê os convidados reunidos. Estão em grupinhos, rindo, conversando, bebendo vinho. Provavelmente esperando até sentirem fome.

O medo em seu peito dá lugar à fúria. Essas pessoas iam *jantar* você! Mas que *cara de pau*! Você queria muito dizer poucas e boas para eles.

Mas será que isso seria seguro? É verdade que todos são bem velhos. Por outro lado, há muito mais deles do que de vocês. Se a coisa apertar, talvez eles consigam vencer. Mesmo com Avery ao seu lado.

Apesar disso, você está louca para ir até lá e dizer que descobriu o segredinho do jantar, e que eles terão que passar em um McDonald's para comprar um Big Mac se estiverem com tanta vontade assim de comer carne.

Se quiser encarar os canibais,
vá para o Capítulo 50

Se quiser continuar tentando fugir,
vá para o Capítulo 58

CAPÍTULO 50

E daí que sua vida continua em perigo? Você não vai sair daqui sem dizer para esses velhos que tentar comer você não foi *nada* legal.

— Ei. — Avery franze a testa quando você para diante da sala. — O que você está fazendo? Achei que quisesse sair daqui…?

— Eu quero — você responde. — Mas tem uma coisa que preciso fazer primeiro.

Você ignora os protestos de Avery e vai batendo os pés até a sala. No mesmo instante, todos os olhos se viram na sua direção. Ótimo, conseguiu a atenção deles.

— Olha só, pessoal — você começa. — Já sei o que vocês estavam planejando fazer. Sei que pretendiam me comer. — Você espera que alguém negue. Ninguém faz isso. — E eu só queria dizer que isso foi bem escroto.

Você não sabe exatamente que tipo de reação estava esperando. Talvez um pedido de desculpas? *Foi mal, a gente queria mesmo comer você, mas nós entendemos agora que isso seria errado.* Mas ninguém diz nada. O silêncio é sepulcral.

— Quer dizer — você continua —, como se sentiriam se eu comesse *vocês*? Aposto que não iriam ficar muito felizes!

— É claro que você nunca comeria a gente! — manifesta-se Heinrich finalmente, com seu sotaque carregado. — Você jamais conseguiria pagar pela iguaria que é a carne humana! E, além disso — acrescenta ele —, dariam falta de cada um de nós, mas não de você.

Essa doeu. É verdade, mas mesmo assim — golpe baixo.

Pela primeira vez, você entende que pode ter cometido um erro ao entrar na sala. Subestimou esses velhos que, de repente, parecem bem ágeis. E, agora, eles estão vindo na sua direção, vários deles lambendo os beiços. Você não achou que eles a machucariam, mas, no fim, todos têm armas — e não só armas, armas das antigas. Um deles segura um tridente. Outro, uma lança. Um terceiro, uma vara com uma bola

cheia de espinhos na ponta. (Que deve ter um nome, mas você não sabe qual é.)

Ah, não. Você devia ter fugido enquanto ainda podia.

Vá para o Capítulo 51

CAPÍTULO 51

Você se vira na esperança de sair correndo, mas descobre que agora a porta da sala está fechada. Você gira a maçaneta, mas ela não se move. O pior de tudo é que Avery sumiu.

Foi ela quem trancou você aqui?

Os velhos estão vindo para cima de você. A qualquer momento, vão atacá-la com aquelas armas antigas, e então você vai ser servida com uma porção de favas e uma boa taça de Chianti. Acabou. Se você não tivesse entrado nessa sala, poderia ter escapado, mas você *precisava* jogar a verdade na cara deles. Agora, está ferrada.

Já era. Eles vão te matar. A qualquer instante…

Você fecha os olhos, se preparando para o impacto da primeira arma. Mas, antes de sentir qualquer coisa, um rosnado assustador ecoa pelo cômodo. Seus olhos se abrem a tempo de ver um animal enorme irrompendo pela porta trancada, escancarando-a.

É um *lobo*.

Você mal acredita no que está vendo. Um *lobo* no meio da sala. É maior do que um lobo comum, coberto de pelos brancos e espumando pela boca, cheio de raiva. O rosnado que ele solta faz a velharia toda dar um passo para trás.

O lobo parece *bem* irritado com todos esses velhos. A primeira coisa que faz é pular no pescoço de Heinrich, sujando seus pelos brancos de sangue vermelho-escuro. Após acabar com ele, o lobo parte para a próxima vítima.

Talvez fosse melhor aproveitar e fugir, mas você está completamente paralisada diante da cena que se desdobra à sua frente. O lobo dá conta de todos na sala com uma facilidade absurda, rasgando roupas, arrancando braços e pernas, passando por cima de qualquer tentativa que eles têm de revidar. Você nunca viu nada parecido. É como se o lobo tivesse uma força sobre-humana. (Força sobrelupina?)

E então — *finalmente* — o último convidado está em pedacinhos. Os pelos do lobo, antes brancos, agora estão encharcados e vermelhos. O peito dele sobe e desce rápido depois do esforço de matar todo mundo na sala — bem, todo mundo exceto você.

O lobo se vira para encará-la, se posicionando entre você e a porta. Se você tentar fugir, tem quase certeza de que ele vai te seguir e te matar. Talvez ele não ataque se você permanecer completamente imóvel e parecer inofensiva. Eles não enxergam só movimentos? Ou isso vale só para os dinossauros?

Para fugir,
vá para o Capítulo 52

Para permanecer imóvel,
vá para o Capítulo 53

CAPÍTULO 52

Você precisa tentar fugir. É sua única chance.

A porta escancarada está pendendo das dobradiças. Sem olhar para o lobo de novo, você dispara na direção da saída. Não ousa olhar para trás.

Como era de esperar, o lobo a persegue. Você corre o mais rápido possível, quase tropeçando em um corpo ensanguentado no corredor. Mal se dá conta de que o corpo é de Avery, agora tão morta quanto todas as pessoas na sala. Não há tempo para lamentar a perda da amiga, porque precisa seguir em frente. Você dispara pelo corredor, procurando desesperadamente a saída.

Só que, quando arrisca olhar para trás, não vê nada. Você para de correr, observando ao redor, mas o lobo simplesmente desapareceu.

Vá para o Capítulo 54

CAPÍTULO 53

O lobo pula em cima de você, com sangue e saliva escorrendo da boca. Ele solta um rosnado baixo, e você se prepara, esperando o animal te atacar e rasgar seu pescoço.

Só que o ataque não acontece.

Em vez disso, o lobo dá as costas para você e salta de volta pela porta arrombada por onde entrou. Você fica parada ali, tremendo loucamente e se abraçando. Todo mundo na sala está morto. O perigo foi embora, pelo menos por enquanto, mas que diabos foi isso?

Você demora vários minutos para se convencer a sair do lugar. Quando finalmente vai para o corredor, encontra Avery caída em uma poça de sangue. Pelo visto, o lobo também a atacou. Você cobre a boca com a mão, encarando sua amiga morta, que não fez nada além de tentar te ajudar a arrumar um trabalho quando você mais precisava.

Mas você não pode ficar parada ali, lamentando a morte de Avery. Se fizer isso, é bem provável que acabe exatamente como ela.

Vá para o Capítulo 54

CAPÍTULO 54

Você é a única ali ainda?

Antes que consiga procurar outros sobreviventes do massacre do lobo, você escuta passos no corredor. Um segundo depois, a silhueta de um homem surge e, quando ele se aproxima, você vê que é Carson, o mordomo. Ele está mancando, com o cabelo bagunçado, a gravata-borboleta branca frouxa e, ao notar manchas de sangue em sua camisa branca, você tem certeza de que o lobo também o atacou.

— Carson — você arfa. — Você está machucado?

— Eu… Eu estou bem — responde ele com dificuldade.

Você o analisa da cabeça aos pés para entender de onde está vindo o sangue, mas não acha nenhum ferimento óbvio. Ele deve ter encontrado uma das vítimas e se sujado com o sangue dela, provavelmente ao tentar reanimá-la. Bem, ele tinha razão sobre você estar correndo perigo.

— Você está bem, Sloan? — pergunta ele.

Você assente com a cabeça, em silêncio.

— Todo mundo morreu — diz ele, respondendo à sua única dúvida. — Fiquei escondido em um armário até o lobo ir embora.

— Ele foi embora?

— Foi — confirma Carson. — Ele… Ele sumiu no escuro. Não sei para onde foi, mas acho que não estamos mais em perigo.

Você assente de novo; suas pernas ameaçam ceder.

Carson percebe que você está prestes a desabar. Ele abraça você e a conduz para uma das outras muitas salas, onde a ajuda a se sentar em um sofá de couro macio. Você abraça o corpo, se balançando para a frente e para trás. Está tremendo tanto que parece que nunca mais vai parar. Você poderia jurar que o lobo ia te matar.

— E agora? — você pergunta, por fim.

— Acho — diz ele, baixinho — que é melhor a gente dar o fora daqui.

— Mas e a polícia?

Ele balança a cabeça, firme.

— Sloan, não preciso explicar que tinha muita merda acontecendo nessa casa. A polícia vai aparecer em algum momento, mas acho que é melhor que a gente não se envolva.

— Então você está dizendo que devemos ir embora da casa e deixar um monte de corpos aqui?

— É *exatamente* isso.

Você analisa o rosto de Carson. É difícil não confiar em alguém tão absurdamente bonito. Além disso, ele conhece aquelas pessoas melhor do que você — este não deve nem ter sido seu primeiro jantar. Ele sabe o que está falando.

Por outro lado, tem gente *morta* aqui. Você precisa fazer alguma coisa. Não pode simplesmente ignorar o que aconteceu! Ou pode?

Para chamar a polícia,
vá para o Capítulo 55

Para ir embora sem chamar a polícia,
vá para o Capítulo 56

CAPÍTULO 55

Vocês precisam chamar a polícia. Apesar de não ter sido a cidadã mais exemplar do mundo durante a vida (para não dizer outra coisa), não existe a menor possibilidade de abandonar uma casa cheia de gente morta sem avisar as autoridades.

— Isso não vai dar certo — alerta Carson.

— Talvez você tenha razão — você admite —, mas é o correto a fazer.

Ele solta um longo suspiro. Nossa, como ele fica sexy quando está irritado — mas, levando em consideração tudo pelo que vocês passaram, se pegar não deve estar nos planos de hoje.

— Tem um telefone na sala de estar. Eu te levo lá.

Carson a guia até outro cômodo, que, pelo visto, é a sala de estar, onde há um telefone sem fio em uma escrivaninha de mogno. Quando você pega o aparelho e disca os três dígitos, Carson sai da sala. Por algum motivo, ele não quer estar presente durante a ligação. Você se pergunta se ele também tem algum problema com a justiça e prefere evitar a polícia.

— Aqui é da Polícia, no que posso ajudar?

Você hesita. Apesar de ter tido tempo para pensar no que dizer, agora que chegou a hora, sua boca fica seca.

— Hum, tenho uma emergência.

— Sim…?

— Eu estava em um jantar, e um… Bem, um lobo entrou e comeu todo mundo.

Há um longo silêncio do outro lado da linha.

— Isso é uma piada?

— Não — você responde, rápido. — Não é piada. Foi… Bem, o lobo não *comeu* todo mundo. Ele só destroçou a maioria das pessoas. Mas, de qualquer forma, todo mundo morreu.

Outro silêncio demorado. Caramba, é mesmo tão difícil assim acreditar que um lobo apareceu e comeu uma dúzia de pessoas?

A atendente finalmente transfere a ligação para a polícia, então você precisa repetir a história toda, enfrentando outra onda de ceticismo. Mas acaba conseguindo convencer as autoridades de que não se trata de um trote elaborado, e é informada de que uma viatura está a caminho.

Quando desliga, a casa parece muito silenciosa. Silenciosa demais. Você põe a cabeça para fora da sala de estar, e encontra o corredor vazio.

— Carson?

Nenhuma resposta.

Você vai para o corredor, olhando de um lado para o outro. Mas não há sinal de Carson em lugar algum.

— Carson? — você chama de novo.

Há apenas silêncio. Será que ele foi embora? Ele disse que chamar a polícia não daria certo. Parece que ele não quer estar ali quando a viatura chegar.

Você retorna à sala de estar para esperar. Cerca de meia hora depois, alguém toca a campainha. Quando abre a porta, você se depara com dois policiais e os deixa entrar.

— Ainda bem que vocês chegaram! — você exclama. — Como eu expliquei no telefone, fui contratada para ajudar a servir esse jantar, e aí um lobo apareceu e matou todo mundo.

Os dois policiais trocam um olhar.

— A senhorita pode nos mostrar os corpos?

Você guia os dois para dentro da casa. Enquanto eles a seguem, você tem a sensação desconfortável de que talvez Carson tivesse razão. Talvez chamar a polícia *tenha* sido um erro. Mas foi a decisão que você tomou, e agora é tarde demais para voltar atrás.

Você leva os policiais à sala onde a carnificina aconteceu. Os dois arfam, surpresos ao ver os cadáveres. Vários segundos se passam e, finalmente, um deles, recuperado do choque, lhe diz:

— Sloan Morrison. Você está presa por homicídio.

O quê?

Como eles podem achar que foi você quem matou todas essas pessoas? Você não tem presas nem garras! Mas, antes que consiga reagir, já estão algemando seus pulsos e guiando você para fora da casa, até a viatura. Enquanto te colocam no carro, outras sirenes soam ao longe.

É claro que o Sr. Wentworth tinha muitos amigos poderosos, e todos desejam que alguém seja responsabilizado pelo assassinato dele. O julgamento é rápido e frustrante e, no fim das contas, você é condenada à prisão perpétua.

O lado bom é que nunca mais precisará se preocupar com o aluguel.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 56

Carson parece saber o que está falando. Se ele diz que é melhor não chamar a polícia, é melhor confiar nele.

— Então o que a gente faz agora? — você pergunta.

— Não existe qualquer registro de que você esteve aqui — diz ele. — Eles se certificaram disso, para não levantar suspeitas quando você desaparecesse. O melhor é ir para casa e fingir que nada disso aconteceu. Como todo mundo morreu, vou conseguir destrancar o portão para que a gente saia.

Você estende as mãos, que ainda tremem muito.

— Acho que não vou conseguir pegar o carro agora. É bem capaz de eu perder o controle da direção e despencar da montanha.

Carson a encara com os olhos cinzentos e um ar pensativo.

— Posso te levar para casa no seu carro. O meu, aliás, nem é meu de verdade. Era emprestado do Sr. Wentworth.

Você prometeu a Blair que não deixaria ninguém dirigir o carro dela, mas Carson com certeza é um bom motorista. Afinal, ele é tão lindo.

Vocês seguem até a porta da frente. Deixam pegadas ensanguentadas a cada passo. Você limpa bem os pés no capacho, sabendo que Blair ficará furiosa se sujar o carro de sangue. Você destranca a porta e, do lado de fora, Carson hesita.

— O que foi? — você pergunta.

Você acompanha o olhar de Carson, que encara o céu. A lua está cheia, apesar de uma leve névoa impedi-la de mostrar todo o seu brilho.

— Está bonita, né? — você comenta.

Carson solta um grunhido. A expressão no rosto dele parece quase de dor. Ele passa a mão pelo cabelo louro-acinzentado espesso e, por um instante, a mão dele parece estar tremendo tanto quanto a sua.

— O que foi? — você insiste.

— Nada — responde ele, com a voz rouca. — Vamos para o carro. *Rápido.*

Ele parece estar com dificuldade para andar enquanto vocês seguem para o Audi de Blair. Quando chegam, você se depara com quatro arranhões fundos na porta do carona, parecidos com marcas de garras.

— Ah, droga! — você geme. — A Blair vai me *matar*!

Carson não dá a mínima para os arranhões. Ele se atrapalha um pouco para abrir a porta do motorista, então se joga no banco. Depois que vocês dois entram, ele respira fundo algumas vezes, apertando o volante.

— Tudo bem — diz ele —, vamos.

— Tem certeza de que você está bem?

— Agora estou.

Você não entende muito bem o que isso quer dizer, mas ainda acha que não conseguiria dirigir, então o deixa seguir na direção. E, de fato, assim que pegam a estrada, ele parece bem melhor. Você segue viagem, ouvindo as músicas pop no rádio enquanto tenta imaginar como vai explicar para Blair os arranhões no carro.

— Você sabia? — você pergunta. — Quer dizer, que eles eram…?

— Canibais? — completa Carson.

Você tenta sorrir, mas seus lábios parecem dormentes.

— É. Isso.

— Eu não tinha certeza — diz ele. — Não até hoje. Mas eu sabia que…

— Sabia o quê?

— Eu sabia que eles eram pessoas ruins. Muito ruins.

— Mas, se você sabia disso, por que aceitou trabalhar para eles como mordomo?

Carson olha para você de soslaio, como se avaliasse se pode confiar.

— Alguém precisava fazer alguma coisa.

Você não entende o que isso quer dizer. Será que ele teve alguma participação na carnificina da noite? Em certos momentos, ele parece tão abalado quanto você. Mas, ao mesmo tempo, ele estava tão calmo na casa, e sabia exatamente o que fazer.

Só que ele não poderia ter causado aquilo tudo. Não dá para imaginar que Carson soltaria um lobo na casa. Afinal, se ele tivesse

feito isso, o animal poderia ter matado vocês dois, além do Clube dos Comensais Aventureiros. Você tem certeza de que ele não correria esse risco.

Ou não? A verdade é que você mal conhece esse cara.

Vá para o Capítulo 57

CAPÍTULO 57

Vocês não conversam muito durante o trajeto de duas horas de volta para casa. Quando Carson estaciona em frente ao seu prédio, você fica imensamente aliviada. De repente, a ficha cai: você escapou da morte hoje. Se as coisas tivessem se desenrolado de outra forma, quem sabe o que teria acontecido? A noite parece quase um sonho.

— Bem, chegamos — anuncia Carson.

— Obrigada por me trazer — você diz —, e por me tirar de lá inteira.

— De nada — responde ele.

Vocês ficam mais um minuto sentados dentro do carro, se encarando. Apesar de tudo, você meio que deseja que ele a beije. Depois de tudo pelo que passaram hoje, vocês agora têm uma conexão. E, além disso, ele é um gato.

— Eu te ligo amanhã — promete ele. — Para saber se está tudo bem.

— Jura?

— Juro.

As palavras dele te deixam com uma sensação quentinha. Ele vai checar se você está bem. Parece promissor. Mas… como ele vai fazer isso? Ele não tem seu número. Você abre a boca para passar o telefone, mas, antes que consiga, ele abre a porta e sai correndo do carro, desaparecendo no beco ao lado do prédio.

Que homem estranho. Estranho, muito estranho… e sexy.

Ele deixou as chaves na ignição, então você as retira para devolver a Blair. Quando sai do carro, vê os arranhões e faz uma careta. Infelizmente, você não recebeu o dinheiro de que precisava, mas ter se livrado da morte ajuda a colocar as coisas em perspectiva. Aquele site interessante sobre fã-clubes pode ser uma boa forma de ganhar a vida.

Você estremece no ar gelado da noite. A névoa no céu se dissipou, e a lua cheia brilha lá em cima, iluminando o caminho até a porta. Você

se sente segura agora. Mesmo que tenha enfrentado uma situação perigosa mais cedo, o perigo já passou.

Então, quando está entrando no prédio, o uivo do que parece ser um lobo corta o ar. Você se arrepia, recordando a carnificina no jantar, então entra no prédio, trancando a porta atrás de si. Deve ser só um cachorro de rua, mas é melhor prevenir do que remediar.

Você sobe e abre a porta do apartamento, querendo apenas se jogar na cama e passar as próximas doze horas dormindo. Mas, assim que entra, antes mesmo de acender as luzes, sente que não está sozinha.

— Oi? — você chama.

Você aperta o interruptor e solta um som de surpresa ao ver o desconhecido parado no meio da sala. Leva um momento para reconhecer a barba espessa e o cabelo desgrenhado.

É o homem que estava pedindo carona. Seus lábios estão repuxados em um sorriso macabro.

— Olá, Sloan.

Antes que consiga reagir, as mãos dele se fecham ao redor do seu pescoço, apertando-o. Você abre a boca para gritar, mas nenhum som sai. Você está morrendo. Ele vai te matar, e você nem imagina o porquê. Só sabe que sua história está chegando ao fim.

Vá para o Epílogo

EPÍLOGO

JASPER

Talvez você me conheça como o homem que pedia carona na estrada. Mas a carona nunca foi o meu objetivo, foi apenas acaso do destino.

Sabe, nós já nos conhecemos, Sloan. Você não se lembra de mim porque minha vida era muito diferente na época. *Eu* era muito diferente. Foi quando eu tinha Lorna ao meu lado.

Antes de você matá-la.

Tenho certeza de que você não se considera responsável pela morte de Lorna. Você deveria estar se achando uma heroína quando entrou naquele zoológico com a chave mestra que tinha roubado e começou a soltar todos os animais. "Eles não serão mais seus prisioneiros!", foi o que você gritou, erguendo um punho cerrado.

No tribunal, você argumentou que não libertou animais que pudessem ferir pessoas. Que não mexeu nas jaulas dos leões, tigres e ursos. Que mal faria soltar algumas zebras ou um emu?

Pergunte isso à minha esposa.

Mas não, você não pode perguntar a ela.

Porque ela morreu pisoteada. Por uma girafa.

Você é responsável pela morte da Lorna. A girafa também, é claro, mas eu já dei um jeito nela. Se não fosse pelos seus atos inconsequentes, minha esposa ainda estaria aqui, e não reduzida a uma caixa de cinzas. Você estar livre enquanto ela não está mais aqui é uma paródia de justiça, um erro que pretendo remediar.

Você achou que, ao tomar suas decisões, no fim ia levar a melhor. Conseguiu me evitar por um tempo. Mas acabei pegando você.

E, agora, vou acabar com a sua vida.

Depois que você morrer, vou pegar o saquinho com as frutinhas fatais de beladona que carrego comigo. Vou comê-las e deitar ao lado das cinzas de Lorna… e me juntar a ela do outro lado.

Nós nos reencontraremos em breve, meu amor.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 58

Seria muita idiotice enfrentar um grupo de pessoas que estava prestes a devorar você no jantar. Só Deus sabe do que essa gente é capaz. É melhor seguir em frente até conseguir escapar da casa.

Você acompanha Avery pelo corredor e finalmente chega ao hall de entrada. A porta está a poucos passos de distância. Você está seguindo até ela quando Avery começa a gesticular loucamente.

— Não vai por aí! — alerta ela. — É o que eles *esperam*. Vamos pelos fundos, como eu falei.

Avery é uma das suas melhores amigas, mas você não sabe se deveria segui-la. A porta está *bem ali*, e seu carro está relativamente perto. Se sair pelos fundos, vai parar no meio do nada. Parece arriscado.

— Confie em mim — diz Avery. — O Sr. Wentworth é muito esperto. Ele já deve ter mandado alguém te esperar lá fora, assim que passar pela porta. Se você tentar sair por aí, vão te nocautear e te trazer de volta.

Avery já havia trabalhado ali antes e parece conhecer a casa e o patrão melhor do que você. Se ela diz que é mais seguro sair pelos fundos, talvez seja melhor segui-la.

Para sair pela frente,
vá para o Capítulo 60

Para seguir Avery até os fundos,
vá para o Capítulo 59

CAPÍTULO 59

Avery é uma das suas melhores amigas, e ela não lhe daria um conselho ruim. Se ela diz que é mais seguro sair pelos fundos, é melhor confiar.

Você se mantém colada nela enquanto correm juntas pelo primeiro andar da casa. Olhando de fora, a construção parecia cavernosa de tão grande, mas, agora que está ali dentro, ela parece infinita. Há um milhão de corredores, parece um labirinto. Sem Avery, você estaria completamente perdida. Ainda bem que ela está aqui para guiá-la.

Parece que vocês já percorreram quilômetros. Você para por um instante para recuperar o fôlego.

— Falta muito?

Ela hesita só por um segundo.

— Quase nada — garante ela.

Avery segue por outro corredor, e agora você começa a ficar preocupada, porque tem certeza de que já viu aquele retrato do Sr. Wentworth antes. Vocês já passaram por aqui — sem dúvida. Mas como isso é possível? Estão dando voltas?

Tomara que Avery saiba o que está fazendo. Talvez tivesse sido melhor fugir pela porta da frente, mas é tarde demais para isso agora. Você nunca encontrará o caminho de volta até lá.

Finalmente, vocês chegam a uma porta branca com uma maçaneta de bronze, ornamentada. Avery vira a maçaneta, empurrando a porta. E…

Espere aí. Aqui é a *sala de jantar*.

O Sr. Wentworth está sentado em uma das cadeiras, com as mãos unidas à frente. Seu cabelo grisalho ficou um pouco bagunçado quando ele tentou segurá-la, mas, agora, todos os fios estão de volta ao lugar. Ao ver você, ele se levanta.

Empunhando uma faca na mão direita.

Você olha do Sr. Wentworth para Avery, sua cabeça girando. O que está acontecendo? Avery baixa o olhar, sem coragem de encará-la.

— Me desculpa, Sloan.

— O quê? — você diz, rouca.

— Eles me ofereceram *tanto* dinheiro — diz ela, quase frenética. — O suficiente para quitar minhas dívidas, e ainda vai sobrar para eu comprar um loft. Você *sabe* que eu sempre quis um loft, Sloan.

É como levar um soco na cara. Esse tempo todo Avery já *sabia* que essas pessoas eram canibais. Ela sabia que pretendiam comer você e não viu problema nenhum nisso! Ela vendeu você! Você se vira, pronta para fugir, mas a porta da sala de jantar já está fechada. Você agarra a maçaneta, mas descobre que ela não gira.

— Não fique chateada, Sloan — diz o Sr. Wentworth, contornando a mesa. — É uma grande honra ser servida ao Clube dos Comensais Aventureiros. Como você pode ver, só escolhemos o *crème de la crème* do mundo animal. E, agora, você se juntará a eles em nossa parede por toda a eternidade.

Ele a encara como se esperasse um agradecimento. Em vez disso, você cospe na cara dele. Impassível, ele limpa a saliva.

— É melhor não resistir — diz ele. — Todos os animais que jantamos tentaram lutar, mas teria sido tão mais fácil para eles se não tivessem feito isso.

Lutar — sim, é isso que você deveria fazer. Você precisa lutar. Mas… Como? Você não tem uma arma. A mesa posta só tem facas de manteiga, que, na verdade, nem deveriam ser chamadas de facas. E agora são dois contra uma.

Antes mesmo que você sequer consiga pensar no que fazer, o Sr. Wentworth ataca. A lâmina corta seu pescoço, e, se em algum momento você teve a oportunidade de escapar, agora já era. Você cai de joelhos, engasgando com o que quer que fosse dizer.

Era melhor ter saído pela porta da frente. Tudo teria sido diferente.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

OU, se quiser voltar como um fantasma,
vá para o Capítulo 66

CAPÍTULO 60

A porta da frente está bem ali. Seria burrice *não* sair por ela. Mesmo se alguém estiver à espreita, basta chegar até o carro, que está estacionado bem ao lado da casa.

— Escuta — você diz para Avery —, vou sair pela frente. Vai dar tudo certo.

— Mas, Sloan…

Você já parou de ouvir. Levando em consideração que há canibais atrás de você, a última coisa que quer fazer é ficar parada ali, discutindo a melhor maneira de fugir. Você vai sair pela porta da frente, e ponto-final.

Você corre até a saída, e Avery vem atrás, ainda tentando argumentar. Você abre a porta, sai da casa, e…

Nada.

Não há ninguém esperando com uma faca ou uma arma. Ninguém prestes a dar o bote. O quintal parece completamente vazio. A noite está tomada pelo silêncio.

— Viu só? — você diz, triunfante. — Não tem ninguém aqui.

Ela abre a boca para retrucar, mas, antes que consiga dizer qualquer coisa, uma figura surge das sombras. Horrorizada, você observa o intruso acertar a cabeça de Avery com uma pedra. As pernas dela cedem, e sua amiga desaba no chão, inconsciente, um filete de sangue escorrendo por sua têmpora.

Você ergue o olhar para confrontar o agressor de Avery, mas quase engasga quando vê quem está à sua frente. É Carson, o mordomo.

Ah, meu Deus, Avery tinha razão. O Sr. Wentworth mandou um lacaio ficar à espreita. Agora, Avery está inconsciente, e Carson vai matar você e levá-la de volta para o jantar. Quem dera tivesse tomado uma decisão diferente.

Você se vira, pronta para fugir, mas, antes que consiga correr, Carson agarra o seu braço. Ele a segura com firmeza.

— Sloan! — diz ele. — Espera!

— Me solta! — você grita, tentando desesperadamente se libertar.

— Não vou te machucar. Eu juro.

É sério isso? Ele acabou de nocautear sua amiga com uma pedra e agora quer convencê-la de que não vai fazer nada contra você? Ele deve achar que você é a pessoa mais burra do planeta.

— Escuta uma coisa — implora ele. — Só acertei a Avery porque ela queria te levar de volta para o Sr. Wentworth. Eu tentei te alertar sobre ela… Sobre todos eles.

Algo na voz dele faz com que você pare de se debater. Existe alguma chance de ele estar falando a verdade? Avery é uma boa amiga, mas tudo que aconteceu hoje foi bem esquisito, principalmente o fato de que ela não queria que você saísse pela porta da frente. A possibilidade de ela fazer parte do esquema não parece totalmente absurda.

Afinal, ela sabia que você estava desesperada por dinheiro. Também sabia que você não tem muitos amigos nem parentes, e que ninguém daria sua falta. Se ela estivesse procurando a pessoa perfeita para oferecer a um bando de canibais, é fácil imaginar seu nome no topo da lista.

— Wentworth pagou para que ela te trouxesse para cá — diz ele, confirmando suas suspeitas. — Tenho certeza de que ele desembolsou uma bolada.

O corpo de Avery está desfalecido no chão. Você ainda não sabe se acredita ou não em Carson.

— Mas *você* sabia o que estava acontecendo? — você pergunta.

Ele esfrega o queixo. Está tão bonito sob a luz da lua. Não tem como alguém tão bonito ser o vilão da história. Tem?

— Eu desconfiava — admite ele. — Mas não tinha certeza. Não até hoje.

— Sei…

— A gente precisa sair daqui. — O olhar dele encontra seu carro, que está a uns quinze metros de distância. Você conseguiria chegar até lá em segundos. — Mas não no seu carro.

— Por que não?

— Você precisa passar pelo portão — explica ele. — Mas não vão abri-lo para te deixar ir embora.

Faz sentido. Você nunca vai conseguir sair daqui de carro se ninguém abrir o portão.

— Então como vamos fugir?

— Eu dei uma olhada na cerca, procurando alguma falha. Encontrei um ponto em que uma das barras estava solta e consegui tirar. A gente pode sair por lá.

— Onde?

Ele aponta para uma área do terreno que está quase toda tomada por galhos e arbustos. Parece o lugar perfeito para assassinar alguém.

— Hum — você diz. — Não sei, não…

— Sloan. — Os olhos dele estão arregalados e sérios. Não consegue evitar pensar em como é injusto um homem ter cílios tão grandes. — O Sr. Wentworth deve estar vigiando os controles do portão, então essa é a *única* forma de sair daqui agora. Se você não vier comigo, não vai sair viva daqui. Precisa confiar em mim.

Mas… será que dá mesmo para confiar nele? Você conheceu esse cara hoje, e ele já acertou sua amiga com uma pedra, deixando-a inconsciente. Não é um bom indício do que pode acontecer se você decidir se embrenhar com ele no meio do mato.

Por outro lado, se ele quisesse atacá-la, já teria feito isso. E ele é a única pessoa na casa que tentou avisá-la do perigo que corria.

Para ir com Carson,
vá para o Capítulo 64

Para ir para seu carro,
vá para o Capítulo 61

CAPÍTULO 61

Você não vai confiar em um homem que nocauteou sua amiga com uma pedra, por mais gostoso que ele seja. Muito menos se enfiar com ele no meio do mato enquanto seu carro está literalmente *do seu lado*. Além disso, nada do que o pessoal dessa casa possa fazer com você chega aos pés do que Blair fará se você voltar sem o carro dela.

— Sinto muito — você diz para Carson —, mas vou dar um jeito de sair daqui com o carro.

Ele faz uma careta de preocupação.

— Por favor, pense mais um pouco. Você não vai conseguir sair daqui de carro.

— Vai dar tudo certo — você garante.

Você segue na direção do Audi e ele não faz nada para impedir. Você aperta o botão na chave para destrancar a porta e se acomoda no banco do motorista. Depois de fechar e trancar a porta, já se sente mais segura. Essa com certeza foi a decisão certa.

Então segue até a saída, refazendo o caminho que percorreu ao chegar. Teria sido melhor ter dado meia-volta antes de passar pelo portão, mas agora é tarde demais para isso. O importante é que você vai sair inteira daqui.

Ou, pelo menos, é isso o que pensa até chegar ao portão.

Sua esperança era que, apesar do que Carson disse, houvesse algum tipo de mecanismo automático que detectasse a presença do carro e abrisse o portão, mas está claro que não é o caso. O portão não vai se abrir sozinho.

Droga.

Você está avaliando suas opções quando um movimento nos arbustos chama sua atenção. Seu coração dispara na mesma hora. O que foi isso? Tem alguém seguindo você? Será que é Carson? Ou foi só sua imaginação?

De toda forma, você precisa sair daqui — *agora*.

Você tem duas opções. Pode sair do carro e tentar abrir o portão você mesma. Ou pode jogar o carro no portão, torcendo para, assim, conseguir abri-lo.

A ideia de sair do carro não é das mais animadoras, mas ir de cara com ele no portão amassaria o para-choque, o que pode causar problemas com Blair, ainda mais se você voltar para casa sem o dinheiro do aluguel. Mas qual é a alternativa? Agora que Carson foi embora, não há outra maneira de sair daqui.

Para jogar o carro no portão,
vá para o Capítulo 62

Para sair do carro e tentar abrir o portão você mesma,
vá para o Capítulo 63

CAPÍTULO 62

Não existe a menor possibilidade de você sair desse carro com canibais à espreita. O Audi é muito bem-feito. Pode apostar que vai conseguir atravessar o portão se acelerar o suficiente, e é provável que não aconteça nada com ele. Talvez nem arranhe, mas, se arranhar… bem, Blair que se vire.

Você dá ré para ganhar impulso. Quando acha que já está a uma distância boa do portão, faz uma oração rápida, acelera e vai com tudo.

O carro dá um solavanco. Você nunca pisou tão fundo assim antes, e a sensação é *incrível*. Você aperta o volante com as duas mãos e mantém seus olhos grudados no portão à frente. As barras são de ferro e parecem resistentes, mas o trinco não vai resistir à velocidade do carro. Nem a pau.

Você prende a respiração quando o para-choque faz contato com o ferro.

Leva um milésimo de segundo para que entenda o quanto estava enganada. O Audi não é páreo para o que quer que seja esse trinco que mantém o portão fechado. Pior ainda, você se dá conta de que se esqueceu de colocar o cinto de segurança, então, quando o carro para de repente, seu corpo é arremessado pelo para-brisa, aterrissando no capô. A última coisa que pensa antes de seu crânio quebrar o vidro é que Blair vai *matar* você quando descobrir o que aconteceu com o carro dela.

A primeira boa notícia é que você está viva, mas totalmente inconsciente quando os canibais a encontram. A segunda boa notícia é que, quando Blair descobrir o que aconteceu com o carro, já será tarde demais para matar você.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 63

Não existe a menor possibilidade de você arrebentar o portão com o carro de Blair. Os canibais podem até estar tentando matar você, mas Blair fará o mesmo se o carro for devolvido com o para-choque amassado.

Sua única chance de escapar viva é sair do carro e abrir o portão você mesma. Não há nenhum tipo de fechadura visível, então pode ser que um bom empurrão seja o bastante. Pelo menos é isso que você espera.

Você faz uma oração rápida, e desce do carro. Quando saiu da casa, o céu estava nublado, mas agora as nuvens se dissiparam, e a lua cheia volta a aparecer. Pelo menos vai dar para enxergar melhor o que você está fazendo.

Enquanto vai até o portão, você escuta de novo um farfalhar vindo dos arbustos. Sente um frio na barriga, mas tenta ignorar a sensação. Falta pouco para dar o fora daqui. É só uma questão de entender como abrir o portão.

Quando chega perto do espaço entre os dois lados do portão, não vê nenhum tipo de fechadura. Você segura uma das barras e tenta puxá-la — mas ela não cede.

Isso não é nada bom.

Você agarra outra barra e empurra as duas usando todo o peso do corpo, grunhindo com o esforço. Depois de um instante, fica claro que é inútil. As barras não cederam nem um milímetro.

Nesse momento, o farfalhar fica mais alto.

Você se vira, assustada. Seu coração dispara diante da visão do Sr. Davenport Wentworth parado ao lado do carro. Ele abre um sorriso paciente, com os braços cruzados sobre o peito.

— Sloan, Sloan, Sloan — diz ele. — Aonde você pensa que vai?

— Eu… — Sua garganta está tão seca que é até difícil falar. — Eu só quero ir para casa, só isso. Por favor.

— Mas, Sloan. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Nós contratamos seus serviços para a noite toda. Você não pode ir embora mais *cedo*.

O farfalhar nos arbustos agora está alto demais. Horrorizada, você vê outros quatro convidados saírem do mato. Um deles é o homem com sotaque europeu carregado, que segura uma lança na mão direita e lambe os beiços ao vê-la.

Você nunca deveria ter saído do carro. Quem dera o tivesse jogado contra o portão.

O homem arremessa a lança na sua direção. Ele erra — por pouco —, e a lança se crava no capô do carro. Você grita — Blair vai *matá-la* se você aparecer com uma lança grudada no carro.

Em pânico, com medo de causar ainda mais danos ao carro, você corre de volta até a porta do motorista. Mas deveria ter se preocupado menos com o carro e mais consigo mesma. Os velhos são surpreendentemente ágeis e, antes que você alcance a maçaneta, eles atacam. Você achava que não dava para sua vida piorar, mas nem imaginava que terminaria a noite sendo assada e devorada pelo Clube dos Comensais Aventureiros.

O lado bom é que você fica deliciosa.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 64

Você não sabe por que, mas confia em Carson. Há algo sincero nele que faz você acreditar que ele realmente se importa com o seu bem-estar e quer salvá-la.

— Tudo bem — você responde. — Vamos.

Vocês dois saem correndo na direção da área arborizada do terreno. Carson provavelmente iria mais rápido sem você, mas segura o passo para que você o acompanhe. Sempre que você começa a ficar para trás, ele desacelera para te esperar. Em certo momento, você tropeça, e ele segura seu braço para que não caia.

Quando chegam perto da mata, você nota uma movimentação perto de uma das árvores, a uns três metros dali. Carson vira a cabeça naquela direção e reduz o passo até parar. Num gesto protetor, ele coloca a mão no seu ombro.

— Quem está aí? — chama ele.

Por um instante, há apenas silêncio. Mas então um homem surge de trás da árvore. Você reconhece a barba espessa e grisalha imediatamente.

É o homem que estava pedindo carona na estrada.

— Eu não queria assustar vocês. — As mãos dele estão erguidas no alto, em um gesto de rendição. — Não quero fazer mal a ninguém.

Os olhos de Carson se estreitam.

— Então o que você está fazendo aqui?

— Vim *alertar* vocês. — O homem olha ao redor, nervoso. — As pessoas nessa casa… Elas sabem do seu plano. Elas sabem que vocês estão tentando fugir, e estão esperando vocês.

Carson inspira fundo.

— Não. Isso é impossível.

— Ouvi eles conversando — insiste o homem. — Juro, eles vão matar vocês. Vocês dois.

Carson o encara, balançando a cabeça. Parece estar considerando a situação, mas então conclui:

— Você está mentindo.

— Mentindo? — repete o homem. — Por que eu mentiria? O que eu ganharia com isso?

— Não tenho a menor ideia. — Com a cabeça, Carson indica o portão. — Mas não acredito que alguém esteja esperando por nós.

Por um momento, um feixe de luz atravessa o rosto do homem quando a névoa ao redor da lua se dissipa, antes de voltar a encobri-la.

— Escuta só. — O homem se vira para você, aparentemente concluindo que não vai conseguir convencer Carson. — Se você for com ele, vão te matar. Eu *juro*. Encontrei outra saída, e essa é a única forma de escapar daqui.

— Ignora ele, Sloan — rosna Carson. — Não sei qual é a dele, mas ele está tentando te enganar. Vem comigo, nós vamos sair daqui juntos. Eu vou te proteger.

Você olha de um homem para o outro, sem saber o que fazer. São dois desconhecidos. Em quem deve acreditar?

Para ir com o homem que pedia carona,
vá para o Capítulo 65

Para ir com Carson,
vá para o Capítulo 67

CAPÍTULO 65

O homem que havia pedido carona a você parece absolutamente convicto de que os canibais estão à espreita. Carson pode não acreditar nele, mas você acredita. Afinal, por que ele mentiria?

— Você sabe de outra saída? — você pergunta.

— Sei — responde ele, sem hesitar. — É perto daqui.

Você se vira para Carson, que a observa, de cara fechada.

— Desculpa — você diz. — Mas acho que ele pode ter razão. Acho que estão nos esperando.

— Eu queria muito que você reconsiderasse, Sloan — diz Carson, baixinho. — Sou sua única chance de escapar daqui. É sério.

Por um instante, você cogita mudar de ideia. Mas, não, agora é tarde demais. Este é o caminho que você escolheu.

— Vamos, Sloan. — O homem gesticula para que você o siga. — Vou te mostrar onde é.

Você o acompanha pela lateral da mansão. Enquanto segue ao lado dele, olha para trás e vê Carson observando vocês. Mas, depois de alguns minutos, ele some de vista.

— Seu amigo parecia preocupado com você — comenta o homem. — Será que ele vem atrás da gente?

— Ele não é meu amigo — você esclarece. — A gente se conheceu hoje. Somos praticamente desconhecidos.

— É mesmo? — pergunta ele. — Que interessante. Então acho que isso significa que ele não está *tão* preocupado assim com você.

A lua desaparece novamente atrás das nuvens, e o terreno escurece. Você prende a respiração.

— Falta muito?

— Quase lá.

O homem continua a dar a volta na mansão, depois segue por um trecho cheio de árvores e arbustos. Por fim, vocês param perto das

grades. Infelizmente, você não vê nenhuma brecha por onde possam passar.

— Não entendi — você diz. — Como a gente vai sair daqui?

— Na verdade… — Um sorriso se abre no rosto do homem. — Você não vai a lugar algum.

Antes que você consiga entender o que ele disse, o homem estende os braços e fecha os dedos ao redor do seu pescoço. Você tenta gritar, torcendo para que Carson ouça e venha socorrê-la, mas os dedos do homem bloqueiam sua traqueia. Tudo o que sai é um som rouco, quase inaudível, uma última pergunta antes de tudo acabar:

— Por quê?

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 66

Após ser assassinada na casa, sua alma fica inquieta demais para seguir para o além. Depois de uma breve negociação nos portões de pérola, você se vê de volta no exato lugar onde foi morta. Só que agora é um fantasma.

Curiosamente, você descobre que não é a única a assombrar a casa. Vários outros animais perambulam pelos corredores, alguns bem mais exóticos do que os das fotos na parede da sala de jantar. Há uma criatura que parece uma mistura de galo, gato e, talvez, dragão.

Enquanto você tenta se situar, outra criatura vem correndo na sua direção. Essa parece um primata, só que é coberta de pelos brancos. Tem grandes presas brancas que parecem capazes de arrebentar seu pescoço. Na verdade, é improvável que isso possa acontecer agora que você virou um fantasma, mas, vai saber? Ninguém pode te matar, mas talvez você possa ser *morta de novo*. De qualquer maneira, você fica nervosa ao ver aquele monstro vindo na sua direção e, por instinto, dá um passo para trás.

Mas então a criatura para, logo antes de você morrer mais uma vez.

— Oi — diz a criatura. — Meu nome é Nicole.

— Hum, oi — você responde. — Eu sou a Sloan.

Você reconhece a criatura: é o abominável homem das neves (a abominável mulher das neves?) da foto na sala de jantar. Ela parecia bem feroz na imagem, mas, agora, passa a impressão de ser muito pé no chão e uma querida.

— Há quanto tempo você está aqui? — você pergunta.

— Faz anos — diz Nicole, triste. — Eu morava com meu marido na montanha, mas fui capturada e morta. Desde então, estou presa aqui, assombrando a mansão.

— Assombrando a mansão? — A ideia parece interessante. — Como é isso?

— No geral, é bem simples — diz ela. — É só derrubar uns quadros ou fazer barulhos assustadores. Às vezes, quando você se empolga, dá até para cobrir as coisas com gosma. Só que, se exagerar, eles chamam quatro caras com mochilas de prótons para dar um jeito em você. Aí te colocam numa unidade de contenção, e você precisa esperar a Agência de Proteção Ambiental te soltar. É meio que um saco.

— Que droga — você comenta. — Mas então, em resumo, você só fica andando por aí, mexendo nos quadros?

— É basicamente isso.

Nicole tem razão. Não há muito o que fazer na casa. Você perambula um pouco e encontra o Sr. Wentworth no escritório, ao computador. Ele parece muito concentrado no que está fazendo.

Você dá a volta na escrivaninha para espiar a tela do computador. No fim das contas, ele está naquele tal de OnlyFans que você cogitou usar para ganhar um dinheiro, e…

Nossa, o site não tem *nada* a ver com fã-clubes! Caramba. Ainda bem que você não precisou recorrer a *isso*.

Na verdade, ser fantasma nem é tão ruim assim. Você tem uma mansão inteira à sua disposição, e não precisa pagar aluguel.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 67

Por algum motivo, você não confia naquele homem, então decide seguir com Carson.

— Desculpa — você diz para ele. — Vou com o Carson.

— Tem certeza? — insiste ele. — Estou te falando, você vai se dar mal.

— Ela não vai se dar mal — garante Carson com firmeza. — Eu vou te proteger, Sloan.

Isso é suficiente para você.

Você deixa aquele homem para trás, seguindo Carson pela mata. Ele parece saber aonde está indo, como se tivesse planejado tudo nos mínimos detalhes. É nítido que ele está escondendo algo, mas agora não é hora de perguntas. Você precisa sair dali antes que seja tarde demais.

Depois de mais alguns minutos andando, vocês chegam à grade. Como esperado, uma barra está faltando, deixando um vão largo o suficiente para que consigam passar. Ele estava falando a verdade. Melhor ainda: não parece haver ninguém da mansão à espreita.

— Primeiro as damas — diz ele.

Você se espreme pelo buraco, e ele a segue logo depois. Enquanto seguem, você se dá conta de que está preocupada com o que vai acontecer agora. Vocês escaparam da mansão, mas ainda estão presos em Peyton's Peak, no meio do nada.

— Como vou voltar para casa? — você pergunta.

— Meu carro está estacionado a uns dois quilômetros daqui.

O carro dele está estacionado perto da mansão? Isso significa que realmente planejou tudo. Um milhão de perguntas passam por sua cabeça, e você não aguenta mais de curiosidade. Quando chegam a uma clareira, você segura o braço de Carson, obrigando-o a parar.

— Espera — você diz. — Você falou que não sabia o que eles estavam fazendo, então por que seu carro está parado por aqui?

Carson cerra os dentes e olha para o céu antes de voltar a encará-la.

— Podemos conversar sobre isso depois, por favor?

— Você precisa me falar *alguma coisa* — você insiste. — Eu vim com você até aqui sem dar um pio, mas mereço saber o que está rolando.

As sombras no rosto de Carson se dissipam quando as nuvens no céu se movimentam, revelando a lua cheia em todo o seu esplendor. Os ombros dele sobem e descem e, por um momento, ele quase parece estar com dor.

— Sloan — diz ele, com urgência. — Não dá para conversar sobre isso agora, tá?

— Mas…

Seus protestos são interrompidos por um gemido alto que escapa dos lábios de Carson. Ele se curva, como se fosse vomitar, então solta um barulho que parece um misto de gemido e rosnado. O que está acontecendo?

Você dá alguns passos para trás quando Carson cai de joelhos, ficando de quatro. Ele solta outro som gutural e finca as unhas na própria camisa, rasgando-a. Você esperava se deparar com um tanquinho por baixo da camisa, mas, em vez disso, a barriga dele está coberta por uma camada grossa de pelos marrons e brancos.

Então, de repente, há pelos por todo canto. Eles cobrem o corpo dele, e suas mãos têm garras. O nariz e o queixo perfeitos se alongam, virando um focinho. Então ele ergue a cabeça e solta um uivo que ecoa pela noite.

Carson é um lobisomem.

Vá para o Capítulo 68

CAPÍTULO 68

— Ai, meu Deus! — você exclama. — Você é um… um *lobisomem*?

Você achava que lobisomens só existiam naqueles livros de romance. E nunca entendeu direito por que algumas mulheres se sentiam tão atraídas por eles. Mas, pensando bem, agora você até que entende.

Carson, o lobisomem, fica parado ali, ofegante. Dá para ver que a transformação foi bem exaustiva para ele, o que até dá para entender. Só que isso não responde a nenhuma das suas perguntas. Na verdade, só gera outras ainda mais confusas.

— Desculpa por não ter te contado — diz ele em sua voz rouca de lobisomem. — A maioria dos humanos não entende.

— Eu entendo.

Bem, mais ou menos. Na verdade, nem um pouco.

Ele parece capaz de andar sobre as duas patas traseiras, e se aproxima de você com uma expressão surpreendentemente carinhosa.

— Desde o momento em que nos conhecemos, percebi que você ama animais. Achei que, se havia alguém capaz de entender, seria você.

Ele tem razão. Você *realmente* ama os animais.

— Mas por que você estava trabalhando aqui como mordomo?

— Consegui esse emprego na semana passada — explica ele. — Minha irmã caçula desapareceu, e rastreei o cheiro dela até a mansão. Vim até aqui para resgatá-la. Só que, quando descobri o que estava acontecendo, resolvi esperar uma reunião do Clube dos Comensais Aventureiros para acabar com todos aqueles desgraçados de uma vez por todas.

— Desculpa por ter atrapalhado seus planos — você diz.

— Fico feliz por ter conseguido te salvar — responde ele, sério. — Vou ter que voltar depois para dar um jeito neles.

— Bem… — Você ergue o olhar para fitá-lo. Apesar de agora ser um lobo, ele ainda tem olhos cinzentos sensuais, com cílios longos e

escuros. — Obrigada por tudo que você fez por mim. Estou *muito* agradecida.

É verdade. Carson salvou sua vida hoje, e ele poderia muito bem ter apenas resgatado sua irmã loba e ido embora. Mas não. Ele cuidou de você. Ele é um homem bom. Quer dizer, um homem-lobo bom.

Carson pega sua mão. Quando ele a toca, um arrepio percorre seu corpo de um jeito que você não sentia havia muito tempo. E dá para ver nos olhos dele que vocês dois estão pensando na mesma coisa.

Para se acasalar com o lobisomem,
vá para o Capítulo 71

Para dizer que você só quer amizade,
vá para o Capítulo 69

CAPÍTULO 69

— Escuta — você diz —, acho você muito bonito, mas os acontecimentos da noite me deixaram meio desnorteada.

— Imagino — concorda Carson. — Se você não quiser voltar para a sua casa hoje, pode ir para a minha.

— Para a sua casa? — você pergunta, hesitante. — Onde é que fica?

A ideia de passar a noite na toca de um lobisomem não é das mais empolgantes. Você imagina que ele more em alguma caverna esquisita.

— Tenho uma mansão — diz Carson.

— Uma… Uma mansão?

— É — confirma ele. — Investi em Bitcoin e agora sou bilionário.

O lobisomem também é *bilionário*? Nossa, isso muda um pouco as coisas.

Se quiser mudar de ideia e se acasalar com o lobisomem,
vá para o Capítulo 71

Se quiser insistir em ficar só na amizade,
vá para o Capítulo 70

CAPÍTULO 70

— Na verdade — você diz —, acho que prefiro ir para casa. Se você não se importar.

Carson assente com a cabeça.

— Eu entendo. Queria te mostrar a mansão, mas sei que, às vezes, simplesmente não é para ser.

Você se pergunta se está cometendo um erro, mas não. Por mais que goste de Carson, namorar um lobisomem deve envolver perrengues que você nem consegue imaginar. Melhor ficar só na amizade.

Vocês chegam ao carro de Carson, um Jaguar vermelho muito maneiro. Nossa, você podia namorar o dono de um Jaguar! Mais uma vez, você se pergunta se está cometendo um erro, mas agora é tarde demais. Já tomou sua decisão.

Carson a leva ao seu prédio. Quando chegam, ele já voltou à forma humana. Você permanece no carro, parado diante da porta do prédio, e ele sorri.

— Quero te dar o dinheiro que a Avery prometeu pelo trabalho — diz ele, tirando a carteira do bolso.

Não dá para entender como a calça dele conseguiu sobreviver à transformação de homem para lobo e então de volta para homem, mas existem coisas que não são justificáveis ao cérebro humano.

— Você não precisa me dar dinheiro — você protesta.

— Mas eu quero — insiste ele. — Além disso, sou bilionário, lembra?

Argh, ele não precisava ficar esfregando isso na sua cara.

Ele te dá um valor maior do que o Sr. Wentworth ficou de pagar — a quantia é suficiente para quitar o aluguel desse mês e do próximo e ainda sobra. O dinheiro vai ajudá-la a segurar as pontas por um tempo.

— E o meu carro?

— Vou voltar para cuidar do Clube dos Comensais Aventureiros — diz ele. — Quando eu tiver terminado com eles e soltado minha irmã,

trago seu carro.

— Obrigada, Carson.

Ele pega sua mão e dá um beijo nela. Que cara fofo. E você com certeza vai manter a amizade. Afinal, nunca se sabe quando pode ser útil ter o contato de um lobisomem bilionário.

Quando você entra no apartamento, sua cabeça ainda está girando devido aos acontecimentos da noite. Você escapou por um triz. Se qualquer coisa tivesse acontecido de um jeito diferente, poderia ter sido mortal.

— Olá, Sloan.

Você toma um susto com a voz que vem da sala. Acende a luz e encontra Blair esperando em um canto, os olhos cheios de fúria.

— Cadê o meu carro, Sloan?

— Ah — você diz. — Bem, eu tive um… probleminha com ele. Mas vou te devolver mais tarde. Ainda hoje. Prometo.

Ela dá um passo na sua direção com os punhos cerrados.

— Eu não te avisei que você ia se arrepender se alguma coisa acontecesse com o meu carro? Não foi isso que eu disse?

— Não aconteceu nada com o seu carro, Blair.

— Então cadê ele?

— Prometo que…

Antes que você consiga explicar, Blair pega um pau de selfie na mesa de centro e vem correndo na sua direção. Você não dá muita importância, porque é só um pau de selfie, mas então percebe que ela já tinha planejado tudo. Algo afiado preso na ponta da vara perfura seu peito. Você desaba no chão, o sangue jorrando da ferida, drenando sua vida.

Mas, olhando pelo lado bom, você tem uma selfie incrível do momento da sua morte.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 71

É fácil entender o que Carson está pensando pelo jeito como olha para você. Ele te quer. E você o quer com a mesma intensidade.

Você vai arriscar.

Você se joga nos braços dele, pressionando seus lábios contra o focinho. É o melhor beijo da sua vida. Vocês se agarram por mais um minuto, então você começa a tirar a blusa. Imagina que ele vá rasgá-la como fez com a própria camisa, mas, em vez disso, ele se afasta.

— Calma aí! — exclama ele. — O que você está fazendo?

Ai, meu Deus, que vergonha. Você deve ter interpretado tudo errado.

— Eu… Desculpa. Achei que você quisesse…

— Eu gosto de você, Sloan — diz ele, sério. — Mas não faço *essas* coisas.

— Não faz?

— Não. — Ele franze a testa. — Estou me guardando para o casamento. Óbvio.

Oi? O lobisomem megagostoso está se guardando para o *casamento*? Como isso é possível?

— Ah…

— Sei que não é muito comum. — Ele alterna o peso entre os pés, sem graça. — Mas sinto que a mulher certa vai entender e querer esperar como eu. — Ele a encara sob a luz da lua. — Você é essa mulher, Sloan?

— Hum, claro — você responde. — Eu posso esperar.

Talvez ele mude de ideia.

No fim, Carson tem um Jaguar vermelho muito maneiro. Vocês vão para a mansão imensa dele e não rola absolutamente nada. Vocês dormem em quartos separados até o casamento espetacular nos Bálcãs, onde todos os convidados são lobos. É um dia mágico, e você nunca foi tão feliz.

Na noite de núpcias, você e Carson finalmente fazem amor pela primeira vez em um castelo que reservaram no topo de uma montanha. É tão incrível quanto você imaginou que seria.

Depois, quando estão deitados na cama, Carson se aconchega em você.

— Nossa — suspira ele. — Foi incrível.

— Pois é, acho que quero um cigarro.

Ele solta uma risada.

— Eu não quero um cigarro, mas estou faminto. E você sabe como um lobisomem com fome é perigoso. Vou na cozinha pegar algo para comer.

— Ei — você diz —, você acabou de fazer muito esforço. Deixa que eu pego.

— Tá brincando? Não vou deixar minha esposa ir buscar comida na nossa noite de núpcias.

Você pensa em insistir, mas talvez seja melhor deixar que ele cuide disso. É sua noite de núpcias, afinal.

Para ir pegar a comida,
vá para o Capítulo 72

Para deixar Carson pegar a comida,
vá para o Capítulo 73

CAPÍTULO 72

Carson é um fofo por querer buscar comida, mas não é justo deixá-lo paparicá-la só porque agora estão casados.

— Espera aqui — você diz. — Vou preparar um lanchinho para você.

— Bom, então tá — concorda ele. — Já que você insiste.

— O que você quer?

Ele lambe os beiços.

— Um bife cairia bem. Com molho.

Por sorte, Carson nunca pede para você cozinhar a carne — ele gosta dela crua.

— Pode deixar.

Você se levanta, veste uma camiseta larga e segue descalça até a cozinha. As luzes estão apagadas, mas, lá fora, a lua está cheia, então você consegue enxergar bem.

Você pega uma bisteca na geladeira. Não tem certeza de onde está o pote de molho, então abre alguns armários até encontrá-lo na prateleira mais alta. Você fica na ponta dos pés para alcançá-lo, e…

O pote cai, se espatifando no chão. É claro que isso ia acontecer.

Há molho por todo canto. Espirrou um pouco nas suas pernas expostas e, quando você se agacha para limpar, acaba sujando também os braços e cortando a mão com um caco de vidro. Que bagunça. Tomara que isso não seja um presságio de como vai ser seu casamento.

— Sloan? Está tudo bem aí?

A voz de Carson soa próxima, como se ele tivesse saído do quarto para verificar o que foi aquela barulheira. Você grita para ele:

— Tive um pequeno acidente, só isso!

— Deixa que eu te ajudo a limpar!

Antes que você consiga dizer que está tudo sob controle, ergue os olhos, e lá está ele — seu marido. Só que, graças à lua cheia do lado de fora, ele agora assumiu a forma de lobo.

Carson arfa ao encará-la, analisando o molho espalhado em seu corpo, o bife sangrento e o corte na sua mão. Ele lambe os beiços, hesitando apenas por um instante. E então…

Ele avança.

Em apenas alguns minutos, você está na barriga de Carson. Se ao menos tivesse ouvido quando ele disse que um lobisomem com fome é perigoso…

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

CAPÍTULO 73

Carson disse que ia pegar a comida, então você o deixa fazer isso. Afinal de contas, é sua noite de núpcias.

Você se espreguiça deliciosamente nos lençóis de seda, esperando seu marido voltar com a comida. Ele é incrível, e você não vê a hora de passar o resto da vida juntos. Você se pergunta como serão seus filhos.

Você o escuta rosnar lá embaixo, o que provavelmente significa que ele se transformou em lobo por causa da lua cheia, mas, ao voltar, ele já retomou a forma humana. E segura uma cumbuca de sorvete.

— Para você, meu amor — diz ele. — E ainda bem que você não foi buscar a comida. O pote de molho estava na prateleira mais alta e quase caiu quando fui pegar.

— Eu não teria deixado o pote cair no chão — você retruca.

Ele dá um beijo na ponta do seu nariz.

— Claro que não. Você é perfeita.

Ele volta a se aconchegar na cama ao seu lado enquanto você toma seu sorvete, pensando no quanto está feliz. Estar aqui com Carson, na sua noite de núpcias — bem, parece obra do destino. Você não vê a hora de passar o resto da vida com ele.

FIM

Quer tentar chegar a um final diferente?
Volte para o Capítulo 1!

AGRADECIMENTOS

Como este é um trabalho curto, serei breve também.

Obrigada a todos que leram este livro, me deram conselhos e apontaram erros, incluindo minha mãe, Val, Dan, Emily e a equipe incrível da JRA.

Mas, acima de tudo, muitíssimo obrigada ao meu marido, que me ajudou a planejar todo o enredo. Você tem razão — ficou *mesmo* mais engraçado transformar o abominável homem das neves em um jogador de hóquei.

Este e-book foi desenvolvido
em formato ePub por Flex Estúdio para
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Jantar Sinistro

Site oficial da autora
https://www.freidamcfadden.com/

Perfil da autora no Instagram
https://www.instagram.com/freidamc_fadden/

Página sobre a autora na Wikipédia
https://pt.wikipedia.org/wiki/Freida_McFadden

Página da autora no Skoob
https://www.skoob.com.br/pt/author/32372

Página do livro no Goodreads
https://www.goodreads.com/book/show/250438988-the-dinner-party

Página da autora no Goodreads
https://www.goodreads.com/author/show/7244758.Freida_McFadden

---